

Anuário Brasileiro da

Fruiticultura

Brazilian **Fruit** Yearbook

2017



EDITORA GAZETA



Soluções em Embalagens WestRock para Frutas

Resistência, Segurança
e Proteção

A MWV, empresa da qual a Rigesa fazia parte, uniu-se a outra empresa global, a RockTenn e agora, juntas, são WestRock.

Nossas embalagens BrightBox® para Frutas são produzidas com papéis de alta performance HyPerform®, oferecem alta resistência a umidade e rápida climatização, permitindo que seu produto chegue mais fresco, conservando por mais tempo a sua qualidade. Além disso, entregam mais segurança, proteção e ainda a possibilidade de impressão sofisticada, destacando também a sua marca.

Em 2017, comemoraremos 75 anos de história no Brasil, e o que nos move, todos os dias, é vencer junto com você, construindo soluções únicas em embalagens que impulsionem os seus negócios.

Estamos prontos para encontrar soluções de embalagens exclusivas para seu produto, fale conosco (19) 3869-9155.

WestRock Fruit Packaging Solutions. Resistance, Safety and Protection

MWV, the company Rigesa was part of, has merged with another global company, RockTenn, and, together, they are now WestRock. Our BrightBox® Fruit packages are produced in HyPerform® high performance paper, offering great resistance to moisture and quick climatization, allowing your products to arrive fresher at their destination, maintaining quality for longer. Furthermore, they deliver greater safety, protection and offer the possibility of sophisticated printing, highlighting your brand.

In 2017, we celebrated our 75th anniversary in Brazil. What moves us, every day, is winning together with you, building unbeatable solutions in corrugated packaging that boost our business.

We are ready to find exclusive packaging solutions for your product. Contact us at +55 19 3869-9155.





EDITORA GAZETA

EDITORA GAZETA SANTA CRUZ LTDA.

CNPJ 04.439.157/0001-79

Rua Ramiro Barcelos, 1.224,

CEP: 96.810-900, Santa Cruz do Sul/RS

Telefone: 0 55 (xx) 51 3715 7940

Fax: 0 55 (xx) 51 3715 7944

E-mail: redacao@editoragazeta.com.br

comercial@editoragazeta.com.br

www.editoragazeta.com.br

Gestor Administrativo-Financeiro:

Sydney de Oliveira

Gestor de Conteúdo Multimídia:

Igor Müller

Gestor Comercial e de Marketing:

Luciano Garcia

Gestor de Operações:

Everson Ferreira

Anuário Brasileiro da *Fruticultura* 2017

Editor: Romar Rudolfo Beling; **editor assistente:** Cássio Fernando Filter;

textos: Benno Bernardo Kist, Cleiton Evandro dos Santos, Cleonice de Carvalho,

Michelle Treichel e Cássio Fernando Filter; **tradução:** Guido Jungblut;

fotografia: Inor Assmann (Agência Assmann), Sílvio Ávila e divulgação de empresas

e entidades; **projeto gráfico e diagramação:** Márcio Oliveira Machado;

arte de capa: Márcio Oliveira Machado, sobre fotografia de Robispiere Giuliani;

edição de fotografia e arte-final: Márcio Oliveira Machado;

tabelas e catalogação: Sadraque Lenz Veiga; **coordenação comercial:** Andréa Lenz;

marketing: Maira Trojan Bugs, Janaína Langbecker, Gabriela Kaempf da Silva, Jonice

Fiuza e Suzi Montano; **supervisão gráfica:** Márcio Oliveira Machado; **distribuição:**

Mariane Almeida; **impressão:** LupaGraf, Santa Cruz do Sul (RS).

ISSN 1808-4931

É permitida a reprodução de informações desta revista, desde que citada a fonte.

Reproduction of any part of this magazine is allowed, provided the source is cited.

Ficha catalográfica

A636

Anuário brasileiro da fruticultura 2017 / Cleonice de Carvalho ... [et al.].

– Santa Cruz do Sul : Editora Gazeta Santa Cruz, 2017.

88 p. : il.

ISSN 1808-4931

1. Frutas – Cultivo – Brasil. I. Carvalho, Cleonice de.

CDD : 634.0981

CDU : 634.1(81)

Catalogação: Edi Focking CRB-10/1197

Sumário

Summary

04 **Apresentação** *Introduction*

08 **Panorama** *Panorama*

28 **As 12 mais** *The 12 leaders*

28 **Abacaxi** *Pineapple*

32 **Açaí** *Açaí*

36 **Banana** *Banana*

40 **Caju** *Cashew*

44 **Laranja** *Orange*

48 **Limão** *Tahiti Lemon*

52 **Maçã** *Apple*

56 **Mamão** *Papaya*

60 **Manga** *Mangoes*

64 **Melancia** *Water melon*

68 **Melão** *Melon*

72 **Uva** *Wine*

76 **Especial** *Special*

80 **Painel** *Panel*

86 **Eventos** *Events*

88 **Agenda** *Agenda*

Coma sem moderação

Frutas só fazem bem. Isso sabe qualquer pessoa que valoriza alimentação nutritiva, saborosa e saudável. O que não faz bem é deixar de comer frutas. E que bom que o Brasil é abençoado com quase todas as espécies imagináveis, porque sua extensão territorial, com variados tipos de solos, climas e temperaturas, permite praticamente o cultivo de todas elas, se não em tempo integral, mas em alguns períodos.

Não apenas a população nacional se beneficia desse raro e favorável ambiente para a produção de frutas. O incremento nas exportações ao longo dos últimos anos confirma que a vocação brasileira para a fruticultura

hoje é estratégica também para o abastecimento das necessidades alimentares das demais nações. Afinal, numa realidade global de aumento demográfico e de limitações de cultivos agrícolas, o fornecimento regular dependerá cada vez mais desse potencial de que o Brasil dispõe.

E, a exemplo do que se pode testemunhar nos polos regionais espalhados por todo o País, a tendência não é necessariamente a expansão das áreas de cultivo. O que os brasileiros protagonizam é, em grande medida, um salto na produtividade, com o aporte de tecnologias, setor liderado pela

Embrapa e por empresas e instituições mantidas nos estados.

Deste modo, da uva, do pêssigo e das laranjas de mesa no Extremo Sul à maçã de Santa Catarina, do pomar farto e diversificado de São Paulo ao mamão do Espírito Santo e à manga e às uvas de mesa do Vale do São Francisco; dos melões, das melancias e dos abacaxis do Nordeste ao açaí do Pará, o Brasil é um mosaico de sabores e cores.

E este colorido panorama só se fortalece. Das frutas *in natura* aos sucos e aos aproveitamentos industriais, a população nacional a cada ano encontra novidades para agradar ao paladar. Já nas exportações, o mix de produtos adquiridos por tradicionais clientes, no mundo todo, revela que, dentro e fora do País, quando se trata de frutas, as pessoas estão comendo sem moderação.

Bem como deve ser no caso das frutas, e ao contrário do que é recomendado em quase todos os demais tipos de alimentos. A natureza sabe o que faz. Cabe a cada um de nós obedecer, e com **bom gosto.**



Eat in **immoderation**

Fruits are healthy. This is no secret for people with an interest in nutritive, delicious and healthy foods. Abstaining from eating fruit is bad. Fortunately, Brazil is blessed with an unbelievable number of fruit species, because its territorial extension, with a variety of soil types, climates and temperatures, offers the conditions for the cultivation of almost any fruit species, if not all year round, at least during certain periods.

It is not only the national population that benefits from this rare and favorable environment for the production of fruit. The saga of ever-rising exports over the past years confirms that Brazil's fruit farming dedication is also part of a strategy to supply the food needs of lots of other nations. After all, in a global reality of an ever-increasing population and limitations of agricultural cultivations, regular supplies are getting more and more dependent on Brazil's potential.

And, following on the heels of what is witnessed in the regional hubs spread all across the Country, the trend is not necessarily towards expanding the cultivation areas. What

the Brazilian farmers are pioneering is, in fact, a jump in productivity, supported by technologies, where the protagonists are Embrapa and other state-run institutions.

Starting from the grapes, peaches and table oranges in the very South to the apples in Santa Catarina, the vast and diversified orchards in São Paulo, papaya in Espírito Santo, mangoes and table grapes in Vale do São Francisco, melons, watermelons and pineapples in the Northeast and açaí in Pará, Brazil is a mosaic of flavors and colors.

This colorful panorama is getting more and more impressive. From fresh fruit to juices and industrial uses, the national population is, year after year, greeted with novelties that please their palate. As for exports, the mix of products acquired by traditional clients all over the world, reveal that, at home and abroad, when it comes to fruit, people are helping themselves in immoderation.

Exactly how things should be when it comes to fruits, contrary to what is recommended for all other types of food. Nature knows best. It is up to all of us to comply, and in good taste.



Hamburg Süd. Sem Fronteiras para Cargas Refrigeradas.

Confiança e Sustentabilidade para Cargas Refrigeradas – Nosso profundo conhecimento e uso de soluções inovadoras, ambientalmente amigáveis e de alta tecnologia proporcionam resultados incomparáveis aos nossos clientes.

A Hamburg Süd oferece contêineres com temperaturas rigorosamente controladas entre -35°C a +30°C, proporcionando total confiabilidade no transporte de cargas perecíveis.

Consulte-nos e venha experimentar a melhor solução em transporte refrigerado.

No matter what.

HAMBURG SÜD

www.hamburgsud-line.com

PANORAMA

Panorama

Produção de frutas caiu, depois de chegar a 42,6 milhões de toneladas em 2014

O tempo não ajudou

POMARES BRASILEIROS PRODUZIRAM VOLUMES INFERIORES NOS ÚLTIMOS ANOS, IMPACTADOS PELAS CONDIÇÕES CLIMÁTICAS DESFAVORÁVEIS EM VÁRIAS REGIÕES

A fruticultura brasileira produziu menos do que poderia nos últimos anos devido às condições climáticas desfavoráveis. As 20 principais frutíferas cultivadas no Brasil renderam cerca de 40,953 milhões de toneladas de frutas frescas em 2015, de acordo com os dados mais recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Esse resultado significou redução de 1,7 milhão de toneladas de frutas *in natura*, em comparação com as 42,6 milhões de toneladas registradas em 2014. Volumes inferiores foram apontados para laranja (-1,1%), banana (-1,6%), maçã (-8,3%), melancia (-2,4%), mamão (-8,7%), manga (-13,7%) e melão (-11,6%). Em compensação, aumenta-

ram as colheitas de uva (3%), abacaxi (2,1%), coco-da-baía (0,7%) e limão (7,1%).

A oferta de 2016 poderá ser ainda menor do que a verificada no ano anterior. Das seis frutas mais representativas, apenas a banana teria acréscimo, de 1,7%, em 2016, de acordo com o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), do IBGE. O estudo previa redução para laranja (-4,6%), abacaxi (-2,5%), uva (-34,1%), maçã (-15,8%) e coco-da-baía (-10,4%). Os volumes recenseados pelo IBGE tendem a mostrar para os anos de 2015 e 2016 números muito próximos ou mesmo inferiores aos de 2014, avaliava Mocyra Saraiva Fernandes, presidente do Instituto Brasileiro de Frutas (Ibrafr). "Estamos verificando muitos problemas nas zonas de produção, com estiagem persistente no Nordeste e chuvas, granizo e outros problemas climáticos no Sudeste e Sul do País", frisa.

As condições climáticas adversas também contribuíram para o declínio das exportações brasileiras de frutas frescas em 2016. Fernandes observa que o clima vem prejudicando cultivos importantíssimos, como os de melão, mamão e maçã, este último de forma gritante em 2016. "Estes

problemas climáticos têm sido recorrentes, o que exige de todos estudos e pesquisas para determinarmos até que ponto são consequências de mudanças climáticas devido ao aquecimento global", propõe. O gerente técnico da Associação Brasileira dos Produtores Exportadores de Frutas e Derivados (Abrafrutas), Jorge de Souza, destaca que as questões relacionadas ao clima são preocupantes. "As variações de temperatura estão afetando a fisiologia das frutíferas", aponta.

A área colhida de 22 espécies frutíferas totalizou 2,581 milhões de hectares em 2015, contra 2,646 milhões de hectares no ano anterior, de acordo com a pesquisa do IBGE. Desconsiderando a área ocupada pela castanha de caju e pelas nozes, o espaço colhido passou para 1,991 milhão de hectares em 2015. As frutas que ocuparam as maiores áreas foram laranja (665.174 hectares), castanha de caju (586.523 hectares), banana (475.976 hectares) e coco-da-baía (251.665 hectares). Os maiores rendimentos médios foram de mamão (48.333 kg/ha) e maçã (35.284 kg/ha). Produtividades entre 25.000 kg/ha e 26.000 kg/ha foram obtidas por laranja, limão, melão e abacaxi.

■ ■ ■ **Mais ou menos**

A produção total de frutas frescas pode variar para mais ou para menos, dependendo da fonte e dos critérios adotados. Inclusive, o PAM 2015 do IBGE não apontou o resultado total em toneladas. Também não incluiu os volumes obtidos do extrativismo de espécies nativas, como o açaí e o cajá. A Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), por exemplo, estimava que a produção de frutas frescas totalizaria 44,3 milhões de toneladas em 2015 e 43,8 milhões de toneladas em 2016.

O resultado ainda se altera de acordo com o peso médio utilizado para converter a produção de abacaxi e coco-da-baía em toneladas. O total destacado por este anuário se refere a uma lista de 20 frutas, sem incluir nozes e castanha de caju, e para abacaxi e coco-da-baía segue os critérios de conversão utilizados pelo Ibrafr. A Embrapa Mandioca e Fruticultura, de Cruz das Almas (BA), utiliza média de 1,5 quilo para cada abacaxi. E cada coco-da-baía equivale a 400 gramas para a Embrapa Tabuleiros Costeiros, de Aracaju (SE).

The weather is of no help

BRAZILIAN ORCHARDS PRODUCED SMALLER VOLUMES OVER THE PAST YEARS, AND THE BLAME GOES TO THE UNFAVORABLE WEATHER CONDITIONS IN SEVERAL REGIONS

Brazilian fruit farming business reaped smaller than expected crops over the past years due to unfavorable climate conditions. The 20 most cultivated fruit trees grown in Brazil reached an output of 40.953 million tons of fresh fruit in 2015, according to recent data from the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE). This result translated into a decrease of 1.7 million tons of fresh fruit, in comparison to the 42.6 million tons registered in 2014. Smaller volumes were registered for oranges (-1.1%), bananas (-1.6%), apples (-8.3%), watermelons (-2.4%), papaya (-8.7%), mangoes (-13.7%) and melons (-11.6%). On the other hand, bigger crops were registered for grapes (3%), pineapples (2.1%), Bahia coconut (0.7%) and lemons (7.1%).

The 2016 crop could even be smaller than in the previous year. Of the six more representative fruits, only bananas are supposed to go up 1.7%, in 2016, according to the Systematic Agricultural Production Survey (LSPA), conducted by the IBGE. The study had anticipated a smaller crop for oranges (-4.6%), pineapples (-2.5%), grapes (-34.1%), apples (-15.8%) and Bahia coconut (-10.4%). The volumes surveyed by the IBGE tend to show for 2015 and 2016 numbers very close to, or even inferior to 2014, comments Moacyr Saraiva Fernandes, president of the Brazilian Fruit Institute (Ibraf). "We are detecting lots of problems in the pro-

duction zones, such as the prolonged drought in the Northeast; and rainfall, hailstorms and other climate related problems in the Southeast and South of the Country", he says.

The adverse weather conditions had also a say in the decline of Brazilian fresh fruit exports in 2016. Fernandes observes that the bad weather conditions have been jeopardizing very important fruit crops, such as melons, papayas and apples in 2016. These climate problems have had a recurrent behavior, a fact that requires studies and research works in order to determine to what extent they stem from

the global warming problem", he comments. The technical manager at Brazilian Fruit Growers and Exporters Association (Abrasfrutas), Jorge de Souza, has it that all questions related to the climate are of great concern. "Temperature variations are affecting the physiology of the fruit trees", he warns.

The area devoted to 22 fruit species reached a total of 2.581 million hectares in 2015, against 2.646 million hectares in the previous year, according to the IBGE survey. Disregarding the area devoted to cashew nuts and chestnuts, the harvested area reached a total of 1.991 million hectares in 2015. The fruits that occupied the biggest areas were oranges (665,174 hectares), chestnuts (586,523 hectares), bananas (475,976 hectares) and common coconut (251,665 hectares). The highest average performances were obtained by papaya (48,333 kg/ha) and apples (35,284 kg/ha). Productivity from 25,000 kg/ha to 26,000 kg/ha were achieved by oranges, lemons, melons and pineapples.



Silvio Ávila

More or less

Total fresh fruit production could vary upwards or downwards, depending on the source and criteria adopted. The IBGE PAM 2015 did not show the total result in tons, nor did it include the volumes obtained from extractivism of native species, like açai and cajá. The Brazilian Confederation of Agriculture and Livestock (CNA), for example, had estimated the production of fresh fruit at 44.3 million tons in 2015 and 43.8 million tons in 2016.

The result equally suffers changes in accordance with the average weight utilized to convert the production of pineapples and common coconut in tons. The total referred to by this yearbook is related to a list of 20 different fruit species, without including nuts and cashew nuts and follows, for pineapples and common coconuts, the conversion criteria utilized by Ibraf. Embrapa Cassava and Fruticulture, in Cruz das Almas (BA), utilizes an average of 1.5 kilograms per pineapple. Every common coconut is equivalent to 400 grams for Embrapa Coastal Tablelands, in Aracaju (SE).

Fruit production dropped, after achieving 42.6 million tons in 2014

AO NATURAL Fresh fruit			
Produção brasileira de frutas frescas			
	2015		2016*
FRUTAS	ÁREA COLHIDA (HA)	VOLUME (T)	VOLUME (T)
Laranja	665.174	16.746.247	15.983.273
Banana	475.976	6.844.491	6.962.134
Abacaxi	69.165	3.621.100	3.532.689
Melancia	95.965	2.119.559	2.119.559
Uva	78.011	1.497.302	987.059
Mamão	30.285	1.463.770	1.463.770
Maçã	35.842	1.264.651	1.064.708
Limão	46.078	1.180.271	1.180.271
Tangerina	48.975	999.686	999.686
Manga	64.305	976.815	976.815
Coco-da-baía	251.665	1.958.663	1.754.425
Maracujá	50.837	694.539	694.539
Melão	20.762	521.596	521.596
Goiaba	17.603	424.305	424.305
Pêssego	17.436	216.241	216.241
Caqui	8.588	192.327	192.327
Abacate	10.354	180.636	180.636
Figo	2.855	29.063	29.063
Pera	1.453	21.160	21.160
Marmelo	116	841	841
TOTAL	1.991.445	40.953.263	39.305.097

* Estimativa - ** Conversão: 1 fruto = 2,5 kg na região Sul/Sudeste, exceto Paraná (onde é 1,6 kg) e Santa Catarina (onde é 1,67); na região Centro-Oeste; e 1,8 kg, nas demais regiões. - *** Quantidade produzidas em 1.000 frutos

Fonte: IBGE (PAM/2015 e LSPA).

Mais Vigor e Produtividade para a Fruticultura



A Heringer possui uma Linha Completa para Fertirrigação, com sais de altíssima pureza e solubilidade, que atendem as necessidades nutricionais das mais diversas culturas.

Conheça nosso Portfolio Completo de Produtos - solicite a vista de um dos nossos Profissionais Técnicos Especializados.

Fertilizantes Heringer Para uma colheita maior.

FERTILIZANTES



HERINGER



www.heringer.com.br



Produção brasileira de frutíferas é avaliada em cerca de R\$ 26,5 bilhões

Peso na **balança**

ESTADO DE SÃO PAULO SOBRESSAI COMO MAIOR PRODUTOR DE FRUTAS DO BRASIL, COM OFERTA DE MAIS DE 15 MILHÕES DE TONELADAS DE VÁRIAS ESPÉCIES EM 2015

A produção de frutas ganha espaço em todos os estados do Brasil. Porém, alguns se destacam em volume ofertado por ano. São Paulo segue no alto do pódio, como o maior produtor nacional. Os fruticultores paulistas colheram 15,69 milhões de toneladas de frutas em 2015, conforme a pesquisa Produção Agrícola Municipal (PAM), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A oferta total soma os volumes das 20 frutas mais produzidas no País. As espécies mais colhidas em São Paulo foram laranja (12,279 milhões de toneladas), banana (998 mil toneladas), limão (759 mil toneladas), tangerina (356 mil toneladas) e melancia (240 mil toneladas).

O segundo Estado produtor foi a Bahia, com 4,905 milhões de toneladas. As principais espécies da fruticultura baiana são banana (1,068 milhão de toneladas), laranja (962 mil toneladas) e mamão (723 mil toneladas). Minas Gerais está na terceira posição, com produção de 3,17 milhões de toneladas. As principais colheitas foram de laranja (987 mil toneladas), banana (795 mil toneladas) e abacaxi (657 mil toneladas).

A quarta maior oferta de frutas, de 2,718 milhões de toneladas, foi registrada no Rio Grande do Sul. O gaúchos são grandes produtores de uva (876 mil toneladas), maçã (598 mil toneladas), melancia (364 mil toneladas) e laranja (356 mil toneladas). Paraná obteve 1,608 milhão de toneladas, sendo 903 mil toneladas de laranja, 203 mil toneladas de banana e 173 mil toneladas de tangerina. Juntos, os cinco estados produziram 28,093 milhões de toneladas de frutas, do total de 40,953 milhões de toneladas em 2015.

O valor de produção dessas 20 espécies e de nozes e castanhas foi avaliado em R\$ 26,5 bilhões em 2015, de acordo com o PAM/IBGE. A soma aumentou 3,4% em re-

lação à obtida no ano anterior. Mas para 2016 o estimado é que tenha reduzido para R\$ 22,7 bilhões. A fruticultura gera, em média, três empregos por hectare. O mercado interno consome em torno de 97% do total de frutas frescas produzidas no País. O consumo *per capita* é de 57 quilos. No entanto, o agronegócio brasileiro das frutas tem optado pela agroindustrialização para exportar derivados de frutas, gerando maior valor agregado ao longo das cadeias.

A participação de São Paulo foi de 24,9%, ou R\$ 6,6 bilhões, sendo representado, principalmente, pela produção de laranja (55,5%), banana (11,8%) e limão (7,6%). A Bahia contribuiu com 11,9%, valor avaliado em R\$ 3,2 bilhões, sendo banana (28%), mamão (17,7%) e coco-da-baía (11,2%). Na sequência, Rio Grande do Sul e Minas Gerais vêm em terceiro e quarto lugar, com 9% cada, totalizando cada um em torno de R\$ 2,4 bilhões. No Rio Grande do Sul, as principais culturas são uva (33,3%), maçã (23,2%) e laranja (8,4%). Em Minas Gerais, a principal contribuição é da banana (35,1%), seguida da laranja (18,3%) e do abacaxi (13,6%).

■ ■ ■ Perfil exportador

O estados que mais produzem frutas no Brasil não são necessariamente os que mais exportam. Em 2016, o Ceará foi o maior exportador em valor de frutas frescas, secas e elaboradas, além de nozes e castanhas. As vendas externas dos cearenses totalizaram US\$ 207,202 milhões e 162,142 mil toneladas. O segundo maior resultado foi obtido pelo Rio Grande do Norte, com saldos de US\$ 142,814 milhões e 188,663 mil toneladas. Em volume, o Rio Grande do Norte foi o grande campeão. Na sequência, os maiores envios foram de São Paulo (US\$

132,169 milhões) e Pernambuco (US\$ 121,775 milhões).

No início de 2016, uma empresa do Ceará (a Itaueira), considerada a maior exportadora estadual de frutas, instalou-se no Rio Grande do Norte, em área que pertencia à empresa Del Monte, em Ipanguaçu, na região do Vale do Açu. Na ocasião, foi anunciado que seriam investidos R\$ 8 milhões somente em 2016 para retomar a produção agrícola da fazenda. Para o ano, a exportação de frutas foi estimada em US\$ 7 milhões, por meio de 550 contêineres, via Porto de Natal.

Weight on the scale

THE STATE OF SÃO PAULO STANDS OUT AS FRUIT PRODUCER IN BRAZIL, WITH A TOTAL OF UPWARDS OF 15 MILLION TONS OF DIFFERENT SPECIES IN 2015

The production of fruit is gaining momentum in all states in Brazil. However, some of them stand out in terms of yearly volumes. São Paulo continues on the highest position, as the biggest national producer. The fruit farmers in São Paulo harvested 15.9 million tons in 2015, according to a survey by the Municipal Agricultural Production Department (PAM), of the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE). Total supply represents that 20 most produced fruit in the Country. The most relevant species in São Paulo are as follows: oranges (12.279 million tons), bananas (998 thousand tons), lemons (759 thousand tons),

tangerines (356 thousand tons) and watermelons (240 thousand tons).

The State of Bahia came second, with 4.905 million tons. The main species of fruit in Bahia are bananas (1.068 million tons), oranges (962 thousand tons) and papayas (723 thousand tons). Minas Gerais ranks as third biggest producer, with a production of 3.17 million tons. They include oranges (987 thousand tons), bananas (795 thousand tons) and pineapples (657 thousand tons). The fourth biggest fruit supply was registered in the State of Rio Grande do Sul. The farmers in Rio Grande do Sul are relevant grape producers (876 thousand tons), apples (598 thousand tons), watermelons (364 thousand tons) and oranges (356 thousand tons). Paraná harvested 1.608 million tons, of which, 903 thousand tons of oranges, 203 thousand tons of bananas and 173 thousand tons of tangerines. Together, the five states produced 28.093 million tons of fruit, of a total of 40.953 million tons in 2015.

The value of the production of these 20 species, along with nuts and cashew nuts, was reckoned at R\$ 26.5 billion in 2015, according to PAM/IBGE. The sum

increased 3.4% from the total obtained in the previous year. For 2016, it is estimated that the total was reduced to R\$ 22.7 billion. Fruit farming generates, on average, three jobs per hectare. The domestic market consumes about 97% of all the fresh fruit produced in the Country. Per capita consumption reaches 57 kilograms. However, Brazilian fruit agribusiness has opted for industrialization, with the option for exporting fruit derivatives, generating higher added-value along the supply chains.

The share of São Paulo amounted to 24.9%, or R\$ 6.6 billion, where the main players are oranges (55.5%), bananas (11.8%) and lemons (7.6%). Bahia contributed with 11.9%, worth R\$ 3.2 billion, represented by bananas (28%), papayas (17.7%) and common coconut (11.2%). In the sequence, Rio Grande do Sul and Minas Gerais rank as third and fourth biggest producers, with 9% each, and each state totaling about R\$ 2.4 billion. In Rio Grande do Sul, the main crops include grapes (33.3%), apples (23.2%) and oranges (8.4%). In Minas Gerais, the main contribution comes from bananas (35.1%), followed by oranges (18.3%) and pineapples (13.6%).

ABASTECIDOS

Supplied

Principais estados produtores de frutas, em 2015

ESTADO	PRODUÇÃO (TONELADAS)
São Paulo	15.690.560
Bahia	4.905.642
Minas Gerais	3.170.475
Rio Grande do Sul	2.718.367
Paraná	1.608.129
Sub-total (cinco estados)	28.093.173
Brasil	40.953.263

* Conversão: 1 fruto = 2,5kg na região Sul/Sudeste, exceto Paraná (onde é 1,6 kg) e Santa Catarina (onde é 1,67); na região Centro-Oeste; e 1,8 kg, nas demais regiões.

**Quantidade produzidas em 1.000 frutos.

Fonte: IBGE (PAM/2015).

OUTROS DESTINOS

Other destinations

Principais estados exportadores de frutas frescas, secas e processadas, inclui nozes e castanhas, em 2016

ESTADO	VALOR (US\$)	VOLUME (KG)
Ceará	207.202.348	162.142.642
Rio Grande do Norte	142.814.104	188.663.612
Bahia	132.710.255	121.464.807
São Paulo	132.169.999	119.226.968
Pernambuco	121.775.774	91.185.525
Espírito Santo	20.832.374	14.304.698
Santa Catarina	19.621.701	48.832.871
Rio Grande do Sul	19.589.749	30.793.010
Amapá	13.959.474	4.595.335
Pará	11.462.109	5.643.393
Sub-total (dez estados)	822.137.887	786.852.861
Brasil	852.038.093	814.589.613

Fonte: Agrostat/Mapa.



Exporting profile

The states that lead the production of fruit in Brazil are not necessarily the leaders in exports. In 2016, Ceará was the biggest fruit exporter as far as the value goes for fresh, dried and processed fruit, besides nuts and cashew nuts. Ceará's foreign sales totaled US\$ 207.202 million and 162.142 thousand tons. The second best result was achieved by Rio Grande do Norte, with revenue of US\$ 142.814 million and 188.663 thousand tons. It is clear that in volume Rio Grande do Norte was the real winner. In the sequence, the biggest shipments took place in São Paulo (US\$ 132.169 million) and Pernambuco (US\$ 121.775 million).

In early 2016, a company (Itaueira) from Ceará, considered to be the biggest state fruit exporter, established a plant in Rio Grande do Norte, in an area that used to belong to Del Monte, in Ipanguaçu, in the Vale do Açu region. On that occasion, investments of R\$ 8 million were announced for 2016, in order to resume agricultural production on the farm. For this year, fruit exports were estimated at US\$ 7 million, through 550 containers, via Natal Port.

Brazilian fruit are supposed to reach a total of R\$ 26.5 billion in value

The better taste

JAGUACY AVOCADO BRAZIL

Frutas do Brasil
BSCI
GLOBAL G.A.P.
BRC FOOD

jaguacy.com.br /avocadojaguacy

Jaguacy Holland
Honderdland 312 | 2676 LV Maasdijk | info@jaguacy.nl
Tel: +31 174 820265 • Mob: +31 6 13050246 • Fax: +31 174 820399

Jaguacy Brasil
Rodovia Marechal Rondon, Km 355 | CEP: 17015-970 | Bauru - SP
Phone: +55 (14) 3288-9224

Longe do pé

EMBARQUES DE FRUTAS FRESCAS E PREPARADAS SOMARAM 789,889 MIL TONELADAS E US\$ 702,388 MILHÕES EM 2016, INFERIORES AOS DO ANO ANTERIOR

As frutas *made in Brazil* fazem sucesso entre os consumidores internacionais. O País exportou 26 tipos de frutas frescas ou secas, além de conservas e preparados, em 2016. As exportações to-

tais resultaram em 789,889 mil toneladas e US\$ 702,388 milhões, de acordo com dados da Associação Brasileira dos Produtores Exportadores de Frutas e Derivados (Abrafrutas), elaborados a partir números do sistema Agrostat, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). O resultado apresentou retração de 3,63% em volume e de 4,5% em valor, em comparação com o negociado em 2015. Mas não inclui as vendas externas de nozes e castanhas, de 24,699 mil toneladas e US\$ 149,649 milhões.

A redução das exportações em 2016 foi considerada pequena pelo gerente-técnico da Abrafrutas, Jorge de Souza. Problemas climáticos em regiões produtoras e

aumento da demanda interna contribuíram para o resultado menor. Por sua vez, o câmbio contribuiu para a redução da receita em dólar. Conforme Souza, o mercado internacional continua aquecido. "As frutas brasileiras são muito bem aceitas no exterior devido à qualidade e à sustentabilidade do setor", destaca. Na sua opinião, mais fruticultores brasileiros deveriam visar o mercado global. Nos períodos de grande oferta interna e de preço baixo, a exportação pode ser opção mais rentável.

A manga e o melão continuam liderando a lista das frutas frescas ou secas mais exportadas pelo Brasil. Em 2016, a exportação de mangas totalizou 154,211 mil toneladas

e US\$ 179,932 milhões, conforme a Abrafrutas. O volume recuou 1,36%, e o valor, 2,39%, em relação ao registrado em 2015. O embarque de melões chegou a 224,688 mil toneladas e a US\$ 148,741 milhões, com alta de 0,42% no volume e queda de 3,6% na receita. Outras frutas representativas registraram envios menores em toneladas e em valores: uva (-10,42% e -9,80%), mamão papaia (-4,67% e -1,34%), banana (-20,45% e

-15,57%) e maçã (-48,94% e -54,90%). A queda da safra brasileira de maçã provocou redução nas exportações e aumento significativo da importação da fruta.

Um relativo aumento das exportações de limão, melancia, laranja, abacate e abacaxi contribuiu para compensar a retração de outras frutas. O limão, terceiro maior em valor negociado ao exterior, somou 95,747 mil toneladas e US\$ 89,932 milhões, com

queda de 0,91% na quantidade e alta de 14,42% no faturamento. "A União Europeia importa grande volume de limão para a elaboração de drinques", comenta Souza. Observa que a utilização da fruta no setor de confeitaria ainda precisa ser disseminada entre os clientes internacionais. O embarque de melancia cresceu 22,72% e a receita, 16,38%. Os envios da fruta são intensificados a partir do mês de setembro.

■ ■ ■ Mais consumidas

Considerando a boa aceitação das frutas brasileiras no mercado externo, a tendência é de que o resultado das exportações de frutas frescas e secas, conservas e preparados possa ser superior em 2017. A oferta de frutas para exportação também depende das condições climáticas favoráveis à produção. Conforme Jorge de Souza, da Abrafrutas, o governo federal está se esforçando na abertura de mercados para as frutas nacionais. Além disso, o consumo *per capita* de frutas no mundo deve con-

tinuar crescendo a taxas superiores às da economia mundial, de acordo com projeções da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO). Para atender esse mercado, o fruticultor brasileiro deverá priorizar a qualidade dos produtos, buscando investir em boas práticas agrícolas, na melhoria de tratamentos de pós-colheita, no armazenamento a frio e na modernização do transporte e da logística, adverte a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA).



Nas exportações, o melão domina em receita e a manga em quantidade

Far from the tree

SHIPMENTS OF FRESH AND PREPARED FRUIT AMOUNTED TO 789.889 THOUSAND TONS AND US\$ 702.388 MILLION IN 2016, DOWN FROM THE PREVIOUS YEAR

Brazilian fruits are very popular with international consumers. The Country shipped abroad 26 types of fresh or dried fruit, besides preserves and preparations, in 2016. Total exports amounted to 789.889 thousand tons and brought in US\$ 702.388 million, according to numbers released by

the Brazilian Fruit Growers and Exporters Association (Abrafrutas), based on figures from the Agrostat system, of the Ministry of Agriculture, Livestock and Food Supply (Mapa). The result was down 3.63% in volume and 4.5% in value from the amount negotiated in 2015. It does not include the foreign sales of cashew nuts and chestnuts, of 24.699 thousand

tons and US\$ 149.649 million.

The drop in exports in 2016 was seen as small by the technical manager at Abrafrutas, Jorge de Souza. Climate related problems in fruit producing regions and soaring domestic demand were a factor in the smaller result. In turn, the exchange rate contributed towards the reduction in revenue in dollar. According to Souza, the international market continues attractive. "Brazilian fruit are very popular abroad due to the quality and sustainability of the sector", he comments. In his opinion, more Brazilian fruit farm-

ers should keep an eye on the international market. During times of abundant domestic supply and low prices, shipments abroad could be the most profitable option.

Mangoes and melons are still on the top of the list of the most exported fresh and dried Brazilian fruit. In 2016, mango exports reached a total of 154.211 thousand tons and US\$ 179.932 million, according to Abrafrutas. The volume was down 1.36%, and the value, 2.39%, from the result registered in 2015. Melon shipments amounted to 224.688 thou-

sand tons and US\$ 148.741 million, up 0.42% in volume and down 3.6% in value. Other representative fruits registered smaller shipments in tons and value: grapes (-10.42% and -9.80%), papaya (-4.67% and -1.34%), banana (-20.45% and -15.57%) and apples (-48.94% and -54.90%). The smaller Brazilian apple crop is to blame for the reduction in exports and for the significant increase in imports.

A relative increase in exports of lemons, watermelons, oranges, avocados and pine-apples made up for the smaller exports of

other fruit. The lemon, the third biggest in value negotiated abroad, reached 95.747 thousand tons and US\$ 89.932 million, down 0.91% in quantity and up 14.42% in revenue. "The European Union countries import huge amounts of lemons for their drinks", comments Souza. He observes that the use of the fruit in the sector of sweet shops still needs to be disseminated among the international clients. Watermelon shipments soared 22.72% and revenue 16.38%. Shipments of this fruit go up in volume as of September.

NO ESTRANGEIRO *Abroad*

Exportação brasileira de frutas frescas e secas

ANO	2016		2015		VARIÇÃO	
	VALOR (US\$)	PESO (KG)	VALOR (US\$)	PESO (KG)	VALOR (US\$)	PESO (KG)
TOTAL	702.388.774	789.889.780	735.487.535	819.630.690	-4,50%	-3,63%
Mangas	179.932.100	154.211.079	184.342.375	156.337.273	-2,39%	-1,36%
Melões	148.741.470	224.688.423	154.298.760	223.746.193	-3,60%	0,42%
Limões e limas	89.932.214	95.747.978	78.600.751	96.631.634	14,42%	-0,91%
Uvas	65.262.190	30.815.617	72.349.100	34.398.467	-9,80%	-10,42%
Conservas e preparações de frutas (sucos excluídos)	49.834.415	30.557.150	59.998.943	29.911.928	-16,93%	2,16%
Mamões (papaia)	43.088.633	37.938.585	43.675.555	39.798.647	-1,34%	-4,67%
Melancias	31.491.045	67.437.489	27.059.394	54.953.858	16,38%	22,72%
Outras frutas	23.803.233	9.836.923	20.709.874	7.320.096	14,94%	34,38%
Bananas	21.036.383	64.361.054	24.916.992	80.905.478	-15,57%	-20,45%
Maçãs	18.334.603	30.696.465	40.656.854	60.113.141	-54,90%	-48,94%
Laranjas	12.316.635	31.086.047	8.904.160	23.520.326	38,32%	32,17%
Abacates	6.807.126	4.950.508	6.561.137	4.628.345	3,75%	6,96%
Figos	6.304.189	1.191.295	6.941.450	1.365.097	-9,18%	-12,73%
Pêssegos	1.967.525	1.652.047	2.162.072	1.770.908	-9,00%	-6,71%
Abacaxis	1.928.687	3.222.809	1.331.874	1.822.917	44,81%	76,79%
Cocos	577.156	1.130.072	726.297	1.176.689	-20,53%	-3,96%
Goiabas	398.798	172.098	498.963	203.936	-20,07%	-15,61%
Morangos	264.491	30.847	319.258	37.244	-17,15%	-17,18%
Caquis	245.209	88.080	658.373	291.335	-62,76%	-69,77%
Cerejas	74.967	11.841	79.062	13.275	-5,18%	-10,80%
Tangerinas, mandarinas e satosumas	26.405	59.155	519.169	525.300	-94,91%	-88,74%
Ameixas	18.946	3.746	13.616	1.923	39,15%	94,80%
Kiwis	991	180	-	-	-	-
Tâmaras	665	234	210	24	216,67%	875,00%
Mangostões	522	24	92.781	16.243	-99,44%	-99,85%
Damascos	176	34	325	12	-45,85%	183,33%
Peras	-	-	80.191	140.301	-100,00%	100,00%

Fonte: Agrostat/Mapa - Elaboração: SRI/CNA e Abrafrutas

Most consumed

Considering the popularity of the Brazilian fruits in the foreign market, the trend is for the shipments of fresh and dried fruit, preserves and preparations to expand even further throughout 2017. The supply of fruits for exports also depends on favorable weather conditions. According to Jorge de Souza, from Abrafrutas, the federal government is engaged in finding new markets for the national fruits. Furthermore, per capita consumption of fruit in the world is likely to continue on

a rising trend, even outstripping the global economy, according to projections by the Food and Agriculture Organization of the United Nations (FAO). To meet the needs of this market, Brazilian fruit farmers should give priority to quality, through investments in best agricultural practices, whilst improving post-harvest treatment, along with cold storages, modern transportation and logistics, warns the Brazilian Confederation of Agriculture and Livestock (CNA).

At exports, melons lead in revenue, and mangoes, in quantity

ABLE[®]

INSETICIDA BIOLÓGICO

Para o controle do bicho furão e demais lagartas da cultura do Citros.

A NATUREZA CRIOU,

NÓS MELHORAMOS.

Sipcam Nichino
BRASIL

www.sipcam-nichino.com.br

Plantando confiança, colhendo inovação.

ATENÇÃO: Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.

Holanda, Estados Unidos e Reino Unido garantem a principal receita

Freguesia cativa

BRASIL EXPORTA FRUTAS FRESCAS, SECAS E PREPARADOS PARA CERCA DE 100 PAÍSES, MAS A UNIÃO EUROPEIA PERMANECE COMO A PRINCIPAL COMPRADORA

A fruticultura brasileira serve consumidores de cerca de 100 países do mundo. O número total de nações que importaram frutas frescas, secas, em conserva e preparados chegou a 95 em 2016, contra 103 no ano anterior, de acordo com o sistema Agrostat, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). A União Europeia, composta por 28 países, continua se destacando como o principal destino das frutas nacionais. Os europeus importaram 623,516 mil toneladas e US\$ 572,956 milhões, incluindo 3,726 mil toneladas e US\$ 29,608 milhões de nozes e castanhas, em 2016.

As frutas mais embarcadas para a Europa em valor foram melão (US\$ 143,509 milhões), manga (US\$ 137,794 milhões) e limão e lima (US\$ 81,919 milhões). O pacote

também contemplou uva, mamão papaia, melancia e maçã, entre outras frutas. Considerado promissor pelos exportadores nacionais, o Oriente Médio importou US\$ 21,843 milhões e 17,129 mil toneladas em 2016. As frutas mais adquiridas foram limão e lima (US\$ 6,075 milhões), nozes e castanhas (US\$ 5,681 milhões), uva (US\$ 4,118 milhões) e melão (US\$ 2,205 milhões).

O Oriente Médio é o destino de parte da produção da Associação de Produtores de Limão e outras frutas da Região de Jabá (Aslim), de Minas Gerais, desde o final de 2013. Hoje, as frutas da região são vendidas a distribuidores nos Emirados Árabes Unidos, Catar, Bahrein, Arábia Saudita e Omã. As vendas externas de limões são feitas por duas *tradings*, relata Randolpho Diniz Rabelo, presidente da Aslim. Os árabes preferem o limão miúdo. A associação comercializou 10.366 toneladas de limão em 2015, dos quais 35% foram exportados. Deste percentual, 12% foi para países árabes.

Dos 10 principais países importadores de frutas do Brasil, a Holanda (ou Países Baixos) continua registrando a maior aquisição. Em 2016, os holandeses efetuaram compras de US\$ 269,269 milhões e 299,079 mil toneladas. Em valores, a manga foi a mais direcionada aos holandeses, totalizando US\$

70,761 milhões, seguida por melão (US\$ 64,088 milhões), limão e lima (US\$ 56,539 milhões), uva (US\$ 32,374 milhões) e melancia (US\$ 15,184 milhões). Na comparação com 2015, além da Holanda, também importaram mais em valores Portugal, Canadá, Argentina, França e Uruguai.

Um dos mercados almejado pelos fruticultores nacionais, os Estados Unidos importou um pouco menos em 2016, mas passou para o segundo lugar em valor, superando o Reino Unido, que caiu para a terceira posição. Os envios foram de US\$ 131,12 milhões e 53,975 mil toneladas. Os principais itens adquiridos pelos EUA foram nozes e castanhas (US\$ 73,867 milhões e 9,040 mil toneladas), seguidas por manga (US\$ 29,036 milhões e 28,190 mil toneladas) e conservas e preparações de frutas (US\$ 21,184 milhões e 9,954 mil toneladas).

Os portugueses compraram US\$ 34,175 milhões e 33,16 mil toneladas, contra US\$ 26,537 milhões e 24,324 mil toneladas em 2015. A manga foi a mais embarcada para Portugal em 2016, o equivalente a US\$ 14,494 milhões e 10,558 mil toneladas. O segundo maior valor foi o de mamão papaia (US\$ 8,140 milhões e 6,982 mil toneladas) e o terceiro foi o de laranja (US\$ 3,422 milhões e 8,467 mil toneladas).

■ ■ ■ Vias de transporte

Antes de serem entregues aos clientes internacionais, as frutas seguem por vias marítima, aérea e rodoviária. Em 2016, os maiores volumes partiram dos portos: Pecém (190,649 mil toneladas), Santos (121,445 mil toneladas), Natal (109,344 mil toneladas) e Parnamirim (102,089 mil toneladas). O aeroporto de São Paulo transportou 20,171 mil toneladas de frutas.

■ ■ ■ Transport routes

Before they are delivered to the international clients, the fruits follow maritime routes, air routes or roadways. In 2016, the biggest volumes were shipped from the following ports: Pecém (190.649 thousand tons), Santos (121.445 thousand tons), Natal (109.344 thousand tons) and Parnamirim (102.089 thousand tons). Some 20.171 thousand tons were shipped through the São Paulo Airport.

Regular customers

BRAZIL EXPORTS FRESH, DRIED AND PREPARED FRUITS TO APPROXIMATELY 100 COUNTRIES, BUT THE EUROPEAN UNION RANKS AS BIGGEST BUYER

Fruits produced in Brazil supply consumers of about 100 countries in the world. The total number of nations that import fresh, dried, and prepared fruits amounted to 95 in 2016, against 103 in the previous year, according to the Agrostat System, of the Ministry of Agriculture, Livestock and Food Supply (Mapa). The European Union, comprising 28 countries, continues as the main destination of our national fruits. These European countries import 623,516 thousand tons worth US\$ 572.956 million, including 3.726 thousand tons of nuts and chestnuts worth US\$ 29,608 million, in 2016.

In value, the fruits most shipped to Europe were melons (US\$ 143.509 million), mangoes (US\$ 137.794 million), lemons and limes (US\$ 81.919 million). The package also included grapes, papayas, watermelons and apples, among other fruits. Considered as promising by the national exporters,

the Middle East imported US\$ 21.843 million and 17.129 thousand tons in 2016. The most purchased fruits were lemons and limes (US\$ 6.075 million), nuts and chestnuts (US\$ 5.681 million), grapes (US\$ 4.118 million) and melons (US\$ 2.205 million).

The Middle East is the destination for a huge portion of the production of the Association of Lemon Producers and other fruit of the Jaíba Region (Aslim), in Minas Gerais, since late 2013. Now, the fruits produced in the region are sold to distributors in the United Arab Emirates, Qatar, Bahrain, Saudi Arabia and Oman. Foreign sales of lemons are conducted by two tradings, says Randolpho Diniz Rabelo, president of Aslim. Arabian people prefer tiny little lemons. The Association traded 10,366 tons of lemons in 2015, of which 35% were exported. Of this percentage, 12% were exported to Arab countries.

Of the 10 major importers of Brazilian

fruit, Holland (or Netherlands) continue registering the biggest purchases. In 2016, the Dutch purchased fruit worth US\$ 269.269 million and 299.079 thousand tons. In value, mangoes were the leading fruits purchased by Holland, totaling US\$ 70.761 million, followed by melons (US\$ 64.088 million), lemons and limes (US\$ 56.539 million), grapes (US\$ 32.374 million) and watermelons (US\$ 15.184 million). In comparison to 2015, besides Holland, other relevant importers include Portugal, Canada, Argentina, France and Uruguay.

One of the preferred markets by the national fruit producers, the United States imported less in 2016, but jumped to the second place in value, outstripping the United Kingdom, which dropped to the third position. Shipments amounted to US\$ 131.12 million and 53.975 thousand tons. The main items acquired by the United States were nuts and chestnuts (US\$ 73.867 million and 9.040 thousand tons), followed by mangoes, (US\$ 29.036 million and 28.190 thousand tons), fruit preserves and preparations (US\$ 21.184 million and 9.954 thousand tons).

Portugal purchased US\$ 34.175 million and 33.16 thousand tons, against US\$ 26.537 million and 24.324 thousand tons in 2015. Mangoes led shipments to Portugal in 2016, equivalent to US\$ 14.494 million and 10.558 thousand tons. The second biggest revenue came from papayas (US\$ 8.140 million and 6.982 thousand tons) and the third was oranges (US\$ 3.422 million and 8.467 thousand tons).

Holland, the United States and the United Kingdom account for the biggest revenue

10 MAIS 10 buyers

Exportação de frutas frescas, secas e conservas e preparados, incluindo nozes e castanhas, por país de destino

PAÍS	2015		2016	
	VALOR (US\$ Fob)	VOLUME (kg)	VALOR (US\$ Fob)	VOLUME (kg)
Países Baixos (Holanda)	267.351.627	304.708.740	269.269.788	299.079.698
Estados Unidos	141.390.898	58.835.214	133.992.537	53.975.914
Reino Unido	142.982.005	133.218.291	131.120.987	136.814.095
Espanha	72.749.989	97.200.478	69.233.375	88.454.138
Portugal	26.537.257	24.324.307	34.175.358	33.160.006
Alemanha	25.542.254	15.911.640	25.473.568	17.393.207
Canadá	22.054.351	11.217.455	22.369.729	10.729.846
Argentina	19.574.177	30.481.310	19.688.983	28.232.507
França	14.164.208	13.276.569	14.833.418	12.816.251
Uruguai	14.140.928	40.011.633	14.458.860	31.591.521
Sub-total (10 países)	746.487.694	729.185.637	734.616.603	712.247.183
TOTAL	888.805.547	854.805.547	852.038.093	814.589.613

Fonte: Agrostat/Mapa.

MEMÓRIA

Memory

A representação da fruticultura brasileira perdeu em 2017 uma de suas lideranças históricas. O presidente do Instituto Brasileiro de Frutas (Ibraf), Moacyr Saraiva Fernandes (foto), morreu



no dia 9 de fevereiro, em decorrência de problemas de saúde de que já vinha cuidando há alguns anos. Seu corpo foi sepultado no Cemitério Nossa Senhora do Desterro, em Jundiá (SP).

Engenheiro químico formado pela Escola de Engenharia Mauá do Instituto de Tecnologia, Fernandes era pós-graduado em Tecnologia de Frutas na Universidade da Califórnia, em Davis (EUA). Ainda se formou engenheiro de segurança pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Por 20

anos foi diretor do Centro Integrado de Pesquisa e Desenvolvimento da Companhia Industrial de Conservas Alimentícias (Cica). Era igualmente diretor presidente da MV Engenharia de Alimentos, empresa de assessoria e consultoria na área de agronegócio, fundada em 1989, com sede em Jundiá.

Seu Moacyr era presença constante e sempre ilustre nos mais diversos eventos nacionais e internacionais relacionados com a fruticultura, defendendo os interesses do setor e divulgando seus potenciais.

The Brazilian fruit sector lost one of its historical leaders in 2017. The president of the Brazilian Fruit Institute (Ibraf), Moacyr Saraiva Fernandes (photo), passed away on the ninth of February, of health problems that started some years ago. He was buried in the Cemetery of Our Lady of Exile, in Jundiá (SP).

Chemical engineer, graduated from the Mauá Engineering School of the Technology Institute, Fernandes had a postgraduate degree in fruit from the University of California, in Davis (EUA). He also got a degree as security engineer from the State University of Campinas (Unicamp). For 20 years, he was the director of the Integrated Center of Research and Development at the Food Preservation Industry (Cica). He equally served as president of MV Food Engineering, a consultancy and advisory company in the agribusiness sector, founded in 1989, based in Jundiá.

Moacyr was always a distinguished participant of a variety of national and international events related to fruit farming, working on behalf of the sector and giving publicity to its potential.

MULCHING MPB
Eco AGROPLÁS®

- Garantia de 18 meses
- Melhor controle de ervas daninhas
- Maior espessura - Novos aditivos
- ECOLOGICAMENTE CORRETO!
- PRÓPRIO PARA RECICLAGEM!

Entre os vários benefícios do uso de Eco Mulching Preto & Branco, destacam-se: 18 meses de garantia (único no Brasil), melhor pegamento das mudas, menor estresse no transplante, maior economia de água, maior aproveitamento dos fertilizantes, melhor controle de ervas daninhas, ajuda no controle de ácaros, menor aplicação de agrotóxicos, evita compactar o solo, além de proporcionar crescimento e desenvolvimento uniforme das plantas. Eco Mulching MPB Agroplás é um filme ecologicamente correto, podendo ser reciclado após os 18 meses de uso!

ELECTRO PLASTIC
ALTA TECNOLOGIA EM FILMES E EMBALAGENS
Fone: (11) 5644-2000 - Fax: (11) 5644-2071
www.electroplastic.com.br - E-mail: marketing@electroplastic.com.br



Déficit hídrico segue causando muitos prejuízos à fruticultura no semiárido

Dias melhores

CADEIA DA FRUTICULTURA BRASILEIRA ESPERA COLHER MAIS EM 2017, FAVORECIDA PELO CLIMA EM REGIÕES REPRESENTATIVAS E PELA ADOÇÃO DE NOVAS TECNOLOGIAS

O setor fruticultor do Brasil espera resultados melhores para 2017. A Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) afirma no Balanço 2016/Perspectivas 2017 que o segmento continuará sendo um dos de maior destaque do agronegócio brasileiro. Estima que a produção possa chegar a 44 milhões de toneladas em 2017, com base nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e de fruticultores exportadores. A previsão é superior à produção estimada para 2016, de 43,8 milhões de toneladas. De acordo com a entidade, apesar dos problemas climáticos que atingiram alguns polos importantes em 2016, a fruticultura continua gerando oportuni-

des para os pequenos negócios. Em todo o País, uma grande variedade de frutíferas produz sob diferentes climas (tropical, subtropical e temperado).

Para a CNA, a utilização de novas tecnologias de produção e pós-colheita aumentaria a eficiência dos sistemas produtivos de frutas no Brasil, contribuindo para a redução dos custos de produção das atividades da fruticultura. O uso de novas tecnologias no controle de moscas-das-frutas e no tratamento pós-colheita de uvas e mangas, no Vale do São Francisco, tem proporcionado aumento médio de produtividade, em torno de 3% ao ano, e também melhorado a qualidade das frutas, aponta a Associação Brasileira de Produtores e Exportadores de Frutas e Derivados (Abrafrutas).

Além disso, previsões apontam que 2017 será um “ano neutro”, sem grandes fenômenos climáticos, como o *La Niña* ou um novo *El Niño*, observa a equipe da revista *Hortifruti Brasil*, do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq), vinculada à Universidade de São Paulo (USP). A publicação é de fevereiro e traz levanta-

mento sobre os principais impactos do clima entre 2014 e 2016 na produção de frutas e hortaliças e faz alerta para 2017 a respeito do déficit hídrico, especialmente no semiárido brasileiro. O *El Niño* durou entre o final de 2014 e meados de 2016. Foi o mais marcante e provocou o aumento de chuvas acima da média no Sul do País e a diminuição da chuva no Norte e no Nordeste entre 2014 e 2016.

De acordo com a equipe do Cepea, serão necessários vários anos de boas chuvas para recuperar as reservas de água do semiárido e também de algumas regiões produtoras de Goiás (como Cristalina) e Brasília (DF). No Sul e no Sudeste, as reservas hídricas estão em bons níveis, o que deve garantir oferta de água suficiente para atender à demanda por irrigação nas áreas de fruticultura e de horticultura em 2017.

No início do ano, a previsão para a produção de laranja destinada à indústria e ao consumo natural era de aumento para a safra 2017/18. A laranja representa, em média, 39,7% da produção brasileira de frutas levantada pelo IBGE. O clima estava sendo favorável à laranja e a outras frutas cultivadas nas regiões Sul e em grande parte do Sudeste.

■ ■ ■ Carga extra

As exportações brasileiras de frutas seguirão animadoras em 2017, na avaliação da equipe Hortifruti Brasil. A fruticultura exportadora ainda apresenta cenário promissor, por conta do dólar atrativo e da baixa demanda interna por fruta de maior valor. “Se a produção de frutas de qualidade se mantiver firme, os envios devem seguir aquecidos em 2017”, destacam os analistas. No balanço anual, a CNA previa aumento significativo no volume exportado de fru-

tas frescas e processadas em 2017. O resultado seria favorável, além da qualidade e da diversidade das frutas produzidas, pelas iniciativas do governo e do setor privado na divulgação da qualidade dos produtos e na ampliação dos mercados. O contrário era esperado para as importações de frutas pelo Brasil. Na avaliação do Cepea, a tendência seria de recuo em 2017, em consequência da fraca demanda doméstica e do dólar valorizado.

Better days

BRAZILIAN FRUIT SUPPLY CHAIN HAS GREAT HOPES FOR THE 2017 CROP, FAVORED BY CLIMATE CONDITIONS IN REPRESENTATIVE REGIONS AND THE INTRODUCTION OF NEW TECHNOLOGIES

The fruit sector in Brazil hopes for better results in 2017. The Brazilian Confederation of Agriculture and Livestock (CNA) states in its 2016 Balance/2017 Perspectives that the segment will continue as one of the highlights in Brazilian agribusiness. It also estimates the 2017 production at 44 million tons, based on data from the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE) and from fruit exporters. The forecast is for a bigger crop than the 43.8 million tons estimated for 2016. According to entity sources, in spite of the bad weather problems that hit some important fruit producing hubs in 2016, fruit farming continues generating opportunities for small-scale businesses. All over the Country, a great variety of fruit trees are located in different climates (tropical, subtropical and temperate).

CNA officials have it that the use of new production and post-harvest technologies will increase the efficiency of the fruit producing systems in Brazil, thus contributing

towards the reduction of the production costs in fruit farming. The use of new fruit fly controlling technologies, and post-harvest procedures for grapes and mangoes, in Vale do São Francisco, have resulted into higher average productivity, about 3% a year, and have also improved fruit quality, say sources from the Brazilian Fruit Growers and Exporters Association (Abrafrutas).

Furthermore, forecasts for 2017 point to a “neutral year”, without any big climate related phenomena, like La Niña or a new El Niño, observe the Hortifruti Brasil magazine team, of the Center for Applied Studies on Advanced Economics (Cepea) of the Luiz de Queiroz College of Agriculture (Esalq), linked to the University of São Paulo (USP). The publication came out in February and features surveys of the main climate impacts, from 2014 to 2016, on the production of fruit and vegetables, and issues a warning about possible water shortages in 2017, particularly in the Brazilian semiarid. El Niño re-



mained effective from late 2014 to mid 2016. It was the most remarkable and caused higher than average precipitation levels in South Brazil, and rain shortages in the North and Northeast, from 2014 to 2016.

According to the Cepea team, several years of good rains are necessary to recover the water reserves in the semiarid and also in some producing regions in Goiás (like Cristalina) and Brasília (DF). In the South and Southeast, the water reserves are quite normal, which should ensure enough water supplies for the irrigation demands in the fruit and vegetable growing regions in 2017.

At the beginning of the year, the forecast for the production of oranges destined for consumption and for the industry pointed to an increase for the 2017/18 growing season. Oranges represent, on average, 39.7% of all fruits produced in Brazil, according to IBGE sources. Climate conditions were favorable for oranges and other fruit cultivated in the South and part of the Southeast.

Extra load

Brazilian fruit exports continue on a promising track in 2017, in the opinion of the Hortifruti Brasil team. The fruit export sector looks promising, on account of the attractive dollar and low domestic demand for fruit of high value. “Should the production of quality fruit continue stable, shipments will continue on a rising trend in 2017”, say analysts. In the annual balance, CNA officials anticipated expressive increases in fresh fruit and processed fruit

exports in 2017. The result was supposed to take advantage of the quality and diversity of fruits produced by private and government initiatives, without overlooking the publicity focused on the quality of the fruit and on market expansions. The contrary was expected with regard to fruit imports by Brazil. In Cepea’s opinion, the trend is for a reduction in 2017, as a result of the weak demand in the Country and the highly valued dollar.

Water shortages tend to continue jeopardizing fruit production in the semiarid



**HUUUMMM...
BOM DEMAIS!**

**A BAHIA JÁ É UMA GRANDE
CAMPEÃ DA FRUTICULTURA.**

Dá gosto ver o agronegócio vitaminando o desenvolvimento. Líder nacional na produção de manga, mamão, banana, coco, cacau e maracujá e segundo lugar em citros, a Bahia desfruta ainda da liderança mundial em guaraná e graviola. Imagine: o Vale do São Francisco é a única região do mundo que produz cinco safras de uva a cada dois anos. Em seis, nossa produção de coco vai a 1 bilhão de frutos para matar a sede em vários países. É a Bahia crescendo forte e madura na geração de trabalho e renda.

SECRETARIA DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA,
IRRIGAÇÃO, PESCA
E AQUICULTURA

BAHIA
GOVERNO DO ESTADO

As 12 mais

ABACAXI

Pineapple

A produção diminuiu um pouco em 2016, mas deve ser maior em 2017

Cortando espinhos

SEGMENTO PRODUTIVO DE ABACAXI APOSTA EM AUMENTO DE PLANTIO, COM MERCADOS INTERNO DE FRUTAS FRESCAS E EXTERNO PARA SUCO BASTANTE AQUECIDOS

Se há espinhos no abacaxi, e que precisam ser removidos para seu aproveitamento, embora possam virar até elemento de decoração, não parecem estar tão presentes na vida real da fruta, ao se considerar a intenção de plantio que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) observou em seus levantamentos recentes. Em 2016, ainda que os números produtivos apresentem pequena queda, a indicação de área plantada é muito positiva: teria aumentado 47,3%, de acordo com a fonte oficial. A tendência estaria sendo verificada em quase todos os principais estados produtores.

Uma boa parte desta ampliação pode

ser explicada pelo mercado interno de frutas frescas e pelas exportações de suco, que continuam bastante aquecidos, conforme José Souza, pesquisador da Embrapa Mandioca e Fruticultura, com sede em Cruz das Almas, na Bahia. As informações sobre o aumento do plantio de abacaxi no País, embora o ciclo de produção da cultura seja de 18 meses, inclusive já sinalizam, segundo ele, produção maior em 2017 em relação ao ano anterior, que teve algum decréscimo, de acordo com os números iniciais.

A estimativa do IBGE para 2016, feita no mês de dezembro, indicava que, na comparação com 2015, a produção decresceu 2,5%, o rendimento diminuiu 1,7% e a área colhida, 0,8%. Estas variações podem ter explicação nas ocorrências de problemas climáticos, pragas e doenças, menciona Souza, registrando que o comportamento nacional da cultura apresenta pequenas oscilações no tempo. Nos últimos 15 anos (2001 a 2015), as taxas médias de crescimento anual foram positivas: área colhida (0,6%), produção (1,3%) e produtividade (0,7%).

Na exportação, o destaque fica com

o suco de abacaxi, enquanto a venda externa do produto fresco, incluído também o seco, decaiu nos últimos tempos. Em 2016 ainda registrou índices positivos de crescimento no volume (91,3%) e no valor (56,2%). Já o preço médio diminuiu 18,3%. Mas o volume comercializado da fruta em 2016 (3.014 t) é muito menor do que o obtido em 2007 (36.764 t), por exemplo, lembra Souza. Ele observa que a produção brasileira não se enquadra mais no tipo de fruto mais transacionado em nível mundial.

O mercado internacional, informa o pesquisador, é dominado pela variedade MD-2 (com sabor ainda mais doce, de alto teor de vitamina C e de vida pós-colheita mais longa, quando comparada com a Smooth Cayenne, que dominava antes). Como a produção do Brasil é distribuída entre as variedades Pérola (88%) e Smooth Cayenne (12%), explana Souza, as exportações de frutas frescas tornaram-se bastante limitadas e, de forma geral, dirigidas para mercados próximos. Em 2016, as principais participações foram da Argentina, com 78,8%; e do Uruguai, com 16,3%.

■ ■ ■ Altos valores

O mercado do suco brasileiro de abacaxi tem se mostrado bastante favorável, destaca José Souza, pesquisador da Embrapa Mandioca e Fruticultura. Ao analisar o desempenho dos últimos 15 anos (2002-2016), constata aumentos consideráveis nos preços médios obtidos, na ordem de 7,44% ao ano, "evidenciando o bom momento das exportações deste produto". Entre 2015 e 2016, o aumento chegou a 10,6%, atingindo US\$ 2.579,09/t, enquanto o valor total cresceu 48,2% e o volume exportado, 34,1%.

Os últimos valores pagos foram os maiores já observados nas exportações brasileiras de suco de abacaxi desde 2002, conforme registros do pesquisador. Neste ano (2016), as vendas do suco brasileiro tiveram destinação para 19 países. Os mais importantes, em volume, foram: Holanda (51,5%), Argentina (12,6%), Bélgica (8,4%), Suíça (6,7%) e Itália (6,0%), ficando ainda 14,9% para outros destinos. Como formas de transporte, foram utilizadas a marítima (83,2%) e a rodoviária (16,8%), opção adotada no envio do produto a países do Cone Sul.

Cutting thorns

PINEAPPLE PRODUCTIVE SEGMENT BETS ON BIGGER PLANTED AREAS, WITH THE NOW HIGHLY ATTRACTIVE DOMESTIC MARKET FOR FRESH FRUIT AND FOREIGN MARKET FOR JUICE

If there are thorns in a pineapple, which need to be removed when they are ingested, though these thorns may turn into an element of decoration, they do not seem to be present in the real life of

the fruit, considering the planting intention observed by the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE) in its recent surveys. In 2016, while the production numbers show a slight drop, the indication of planted area is very positive: it is supposed to have increased 47.3-percent, according to the official source. This trend seems to be the real situation in almost all main producing states.

The explanation for a great part of this expansion could lie in the domestic market of fresh fruit and in juice exports, which continue quite attractive, according to José Souza, researcher at Embrapa Cassava and

Fruticulture, based in Cruz das Almas, in Bahia. Information on bigger areas devoted to pineapples in the Country, although the production cycle of this fruit is 18 months, signal, according to him, a bigger production volume in 2017 compared to the previous year, when the volume dropped slightly in size, according to the initial numbers.

IBGE's estimate for 2016, published in December, indicated that, compared to 2015, production dropped 2.5%, revenue fell 1.7% and the harvested area, 0.8%. These variations could result from the occurrence of weather problems, pests and diseases, says Souza, registering that the national behavior of the crop presents some weather oscillations. Over the past 15 years (2001 to 2015), average annual growth rates were positive: harvested area (0.6%), production (1.3%) and productivity (0.7%).

As far as exports go, the highlight is pineapple juice, while foreign sales of fresh fruits, including dried fruit, have dropped over the past years. In 2016, it still registered positive advances in volume (91.3%) and in value (56.2%). Average prices decreased by 18.3%. The volume of the fruit traded in 2016 (3,014 t) is much smaller than in 2007 (36,764 t), for example, recalls Souza. He observes that Brazilian pineapples no longer fit into the type that is most traded at global level.

The international market, the researcher says, is dominated by the variety MD-2 (sweeter in taste, with a high content of vitamin C and with a longer shelf life, compared to Smooth Cayenne, which was previously preferred). As production in Brazil consists mostly of the varieties Pérola (88%) and Smooth Cayenne (12%), explains Souza, exports of fresh fruit became rather limited and, in general, geared towards nearby markets. In 2016, main purchasing countries included Argentina, with 78.8%; and Uruguay, with 16.3%.



Production decreased slightly in 2016, but should rise in 2017

High values

The Brazilian market of pineapples has been rather favorable, stresses José Souza, researcher at Embrapa Cassava and Fruticulture. An analysis of the performance over the past 15 years (2002-2016), shows considerable increases in average prices fetched, some 7.44% a year, "Attesting to the attractive exports of this fruit". From 2015 to 2016, exports soared 10.6%, reaching US\$ 2,579.09/t, while total revenue rose 48.2% and exported volume, 34.1%.

Latest export prices of pineapple juice were the highest

fetched by Brazilian pineapple juice exports since 2002, according to the researcher's records. On that year (2016), sales of Brazilian juice were destined for 19 countries. The most important, in volume, were as follows: Holland (51.5%), Argentina (12.6%), Belgium (8.4%), Switzerland (6.7%) and Italy (6.0%), and 14.9-percent had other destinations. The most used transportation was by sea (83.2%) and by road (16.8%, option used for sending the pineapples to South Cone countries).

ABACAXI EM PEDAÇOS <i>Pineapples in detail</i>		
Últimos indicadores da fruta brasileira		
ANOS	2015	2016
Produção (mil frutos)	1.801.415	1.756.359
Área plantada (ha)	69.565	102.476
Área colhida (ha)	69.165	68.618
Produtividade (fr/ha)	26.045	25.596
Pará (mil frut)	372.686	399.282
Área plantada (ha)	11.958	24.083
Paraíba (mil frut)	290.772	283.362
Área plantada (ha)	9.697	13.973
Minas Gerais (mil frut)	263.133	251.429
Área plantada (ha)	8.575	13.169
Bahia (mil frut)	144.827	129.600
Área plantada (ha)	5.800	7.700
São Paulo (mil frut)	96.719	96.129
Área plantada (ha)	3.657	5.520
Fonte: IBGE/LSPA - Dezembro 2016		
Exportação fruta (US\$)	1.023.310	1.598.083
Exportação fruta (kg)	1.576.024	3.014.198
Exportação suco (US\$)	17.431.544	25.864.161
Exportação suco (kg)	7.489.088	10.049.920
Fonte: Secex/MDIC.		



2017 24ª HORTITEC

Exposição Técnica de Horticultura, Cultivo Protegido e Culturas Intensivas

Organização  **Capacitação**  **Patrocínio**  **Apoio**  **Agência de Turismo Oficial** 

www.hortitec.com.br

Informações: Tel/Fax: (19) 3802-4196 | E-mail: rbb@rbbeventos.com.br | Site: www.rbbeventos.com.br
Local: Recinto da Expoflora | AL, Município de Nassau, 675 - Holambra - SP | Rod. Campinas-Mogi Mirim, km 140
Eventos de Capacitação: Tel/Fax: (19) 3802-2234 | flortec@flortec.com.br | Site: www.flortec.com.br

de 21 a 23 de junho
das 9 às 19 horas Holambra-SP

Ganhos polpudos

AÇAÍ AVANÇA COM FORÇA NA REGIÃO AMAZÔNICA: AMPLIA A CADA ANO A ÁREA COLHIDA NO PRINCIPAL ESTADO PRODUTOR, O PARÁ, E MOSTRA BOAS PERSPECTIVAS

O Brasil e o mundo passam a conhecer e a admirar cada vez mais uma fruta típica da região amazônica, onde já tem mercado firme. O açaí, colhido das palmeiras presentes de modo natural na paisagem e plantadas em fase mais recente, ganha ainda maior destaque na Amazônia e, em particular, no Estado do Pará, maior produtor, e que desenvolve programa de expansão da cultura. Aproveitada de diversas formas, a polpa já está presente na alimentação tradicional da população local e conquista cada vez mais apreciadores em todo o País e no exterior.

Além da produção extrativa, que também cresce, conforme números levantados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e

Estatística (IBGE), o folgado líder Pará apresenta dados cada vez mais significativos de área de várzea manejada e terra firme plantada. No plano extrativo, o instituto levantou em 2015 a colheita de 216 mil toneladas no País, tendo à frente o Pará, com 126 mil toneladas (seguido do Amazonas, com 65 mil toneladas, e do Maranhão com 15 mil toneladas). Com o levantamento mais amplo no Pará, a produção neste ano chega a 1, 12 milhão de toneladas só neste Estado.

Informações das terras paraenses, já de 2016, indicam que a produção da fruta cresceu 6,7%, e a área colhida, 22,65%, como vem ocorrendo a cada ano. Na última etapa, a produtividade não correspondeu, por razão climática. “O semestre que antecedeu a safra teve um dos mais prolongados períodos de seca no Pará. Condições desfavoráveis, como altas temperaturas, muito acima da média do Estado (26°), e, por conseguinte, alta insolação, além de umidade de ar reduzida, se somaram à falta de polinizadores, afetados pela alteração climática”, explica Geraldo Tavares, da Secretaria de Desenvolvimento Agropecuário e Pesca do Pará (Sedap).

Tavares, que é gerente de fruticultura

da Sedap, observa que as perspectivas da cultura são “bastante promissoras e animadoras”. Conforme ele, existe mercado cativo e permanente, que é o paraense, onde só a capital, Belém, consome acima de 300 mil toneladas de frutos ao ano, e um mercado nacional e internacional responsável por mais de R\$ 391 milhões em 2015. Menciona ainda dados do Grupo de Pesquisa Dinâmica Agrária e Desenvolvimento Sustentável na Amazônia (Dadesa), da Universidade Federal do Pará (UFP), de que a cadeia do açaí gera cerca de 150 mil empregos, com crescimento médio de 7,3% ao ano.

Na exportação do Estado (6,2 mil toneladas e US\$ 22,7 milhões, em 2015), o representante do governo paraense considera que apenas Estados Unidos e Japão representam cerca de 90% do total vendido, em termos de volume. Comenta que o produto ainda não foi promovido em escala em feiras internacionais, nem em países potenciais, como a China, o que, segundo ele, evidencia existirem grandes mercados disponíveis a serem explorados para a venda do apreciado produto amazônico.

■ ■ ■ Esforços para evoluir

O gerente de fruticultura Geraldo Tavares, da Secretaria de Desenvolvimento Agropecuário e Pesca do Pará (Sedap), destaca os esforços que estão sendo feitos em termos de pesquisa, extensão e apoio para o desenvolvimento do açaí, fruta típica no Estado. Segundo ele, está previsto para 2017 o lançamento de uma nova cultivar de açazeiro pela Embrapa Amazônia Oriental, a partir de pesquisa de 13 anos do especialista João Tomé de Farias Neto, com perspectiva de, associado à irrigação, possibilitar safra o ano todo. Além disso, aponta trabalhos realizados pelo pesquisador Hever Roger, da UFP, que “prometem revolucionar a médio prazo análises de sanidade e

protocolos de qualidade do suco (polpa)”.

O Estado lançou em 2016 o Programa de Desenvolvimento da Cadeia Produtiva (Pró-Açaí). Para esse fim, informa Tavares, vêm sendo estreitadas parcerias com instituições como a Emater-Pará e os ministérios da Agricultura e da Integração Nacional, além de agentes financeiros, visando a captação de recursos para consecução dos principais objetivos: capacitação de técnicos e produtores, para efetivo manejo das várzeas e plantio em terra firme, além do fomento de sementes selecionadas para produzir mudas. Em 2017, está prevista a capacitação em 26 municípios das principais regiões produtoras (Baixo Tocantins e Marajó).

Hefty gains

AÇAÍ IS MAKING STRIDES IN THE AMAZON REGION: THE PLANTED AREAS RISE YEAR AFTER YEAR IN THE MAIN PRODUCING STATE, PARÁ, AND PERSPECTIVES ARE PROMISING

Brazil and the world are getting more and more acquainted with the typical fruit of the Amazon region, where it already takes advantage of a stable market. The açai fruit, harvested from the palm trees naturally present in the landscape or recently planted, is gaining more momentum in the Amazon and, in particular, in the State of Pará, biggest producer, now engaged in a program focused on expanding the crop. Used in different forms, the pulp is part of the traditional dishes of the local population and conquers more and more aficionados all over the Country and abroad.

Besides the extractive production, which is also on the rise, according to figures surveyed by the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE), the great leader Pará presents more and more significant areas in managed meadowlands and dryland plantations. In the extractive plan, the institute ascertained a production of 216 thousand tons in the Country, in 2015, with Pará on the frontline, with 126 thousand tons (followed by the Amazon State, with 65 thousand tons, and Maranhão, with 15 thousand tons). Based on a more accurate survey in the State of Pará, production this year amounts to 1.12 million tons in this State alone.

Numbers from the State of Pará, in 2016, indicate that production soared 6.7%, and the planted area, 22.65%, in line with what has been happening year after year. In the past season, productivity was smaller than expected, due to climate conditions. "The first half of the year that preceded the season endured one of the most prolonged drought periods in Pará. Unfavorable conditions, like high temperatures, much above the average in the State (26°), and, as a result, sun-drenched fields, besides low air humidity rates, along with the absence of pollinizing insects, as a result of climate changes" explains

Geraldo Tavares, of the Pará State Agricultural Development Secretariat (Sedap).

Tavares, manager at Sedap's fruit department, observes that the perspectives of the crop are "rather promising and encouraging". According to him, there is a permanent market for the fruit, in the State of Pará, where the capital city alone, Belém, consumes upwards of 300 thousand tons of the fruit a year, whilst the national and interna-

tional markets accounted for upwards of R\$ 391 million in 2015. He also refers to data from the Agricultural Dynamic Research Group and Sustainable Development in the Amazon (Dadesa), of the Federal University of Pará (UFP), recalling that the açai supply chain generates about 150 thousand jobs, with an average growth of 7.3% a year.

With regard to the State's exports (6.2 thousand tons and US\$ 22.7 million, in 2015), the representative of the Pará State government considers that only the United States and Japan represent about 90% of the total sales, in terms of volume. He comments that the product has not yet been promoted on a large scale in international fairs, nor in potential countries, like China, which, according to him, attests to the existence of huge markets still to be explored for the highly appreciated Amazon fruit.

OS FRUTOS DO AÇAÍ *Açaí fruits*

Últimos números do principal Estado produtor, Pará

ANOS	2015	2016
Área colhida (ha)	135.695	166.424
Produção (t)	1.012.740	1.080.639
Produtividade (kg/ha)	7.463	6.493

Fonte: IBGE (GCEA) 2016; Elaboração: Estatística Nuplan/Sedap-PA.

Efforts towards an upward trend

Fruit department manager Geraldo Tavares, of the Pará State Agriculture and Fishery Development Secretariat (Sedap), highlights the efforts in terms of research works, extension and support towards açai production, typical fruit of the State. According to him, a new cultivar has been scheduled for launch in 2017, by Embrapa Eastern Amazon, the result of 13-year research works by João Tomé de Farias Neto, with the perspective of, in association with irrigation, a year-round crop. Furthermore, he refers to works carried out by researcher Hever Roger, from UFP, that "have it all to revolutionize, in the medium term, sanitary analyses and juice quality protocols (pulp)".

In 2016, the State launched the Supply Chain Development Program (Pró-Açaí). To this end, says Tavares, partnerships have been started with institutions like Emater-Pará and the ministries of Agriculture, and National Integration, besides finance agents focused on the chance to capture resources for the achievement of the main objectives: capacity building courses for technicians and farmers, for an effective management of meadowland and dryland plantations, in addition to the acquisition of selected seeds for the production of seedlings. In 2017, 26 municipalities are supposed to receive training, all of them located in the açai producing regions (Baixo Tocantins and Marajó).

Açaí segment in Pará generates 150 thousand jobs and R\$ 400 million



24ª Feira Internacional de Tecnologia Agrícola em Ação

AGRISHOW

ROTA OFICIAL DO AGRONEGÓCIO

01 A 05 DE MAIO
DAS 8H ÀS 18H 2017
 RIBEIRÃO PRETO - SP - BRASIL

WWW.AGRISHOW.COM.BR

Facebook icon, YouTube icon, and a general social media icon.

Patrocinadores



Realizadores



Companhia Aérea



Promoção & Organização



As 12 mais

BANANA

Banana

Em 2016, menos de 1% da produção nacional de bananas foi exportada

Só na batida

A QUASE TOTALIDADE DA PRODUÇÃO BRASILEIRA DE BANANAS É ABSORVIDA PELO MERCADO INTERNO, COM CONSUMO DE 6,96 MILHÕES DE TONELADAS DA FRUTA

Com seu sabor e aroma únicos, a banana é a fruta predileta dos brasileiros. A facilidade de acesso também contribui para os altos índices do consumo, uma vez que é encontrada em todos os recantos do País. A predileção pode ser constatada nos números, uma vez que em torno de 99% da produção nacional abasteceu o mercado interno em 2016. A produção dos bananais atingiu 6.962.134 toneladas, em área de 474.054 hectares. A atividade engloba cerca de 800 mil unidades produtoras, sendo a maioria de peque-

no porte e de perfil familiar.

De acordo com a pesquisadora Áurea de Albuquerque Gerum, da Embrapa Mandioca e Fruticultura, de Cruz das Almas (BA), as duas principais regiões produtoras de banana no Brasil correspondem, juntas, a quase dois terços da produção interna da fruta. O Nordeste produziu 2.381.619 toneladas na safra (34,27% da produção nacional), e o Sudeste 2.195.543 toneladas (31,59%). Em todo o território nacional, em 2016, o rendimento médio foi de 14,82 toneladas por hectare, atingindo a projeção esperada. Entre Rio Grande do Norte, Paraná e Santa Catarina, estados com produção tecnificada considerável, a produtividade foi de 26 toneladas por hectare.

“Um dos fatores contribuintes para esses resultados díspares é o nível de adoção dos pacotes tecnológicos adequados às micro e mesorregiões, que, embora difundidos e disponíveis, ainda é muito baixo”, explica Áurea, ao ressaltar que o adensamento por variedade, em

combinação com um bom manejo, influi positivamente nos resultados. A especialista destaca ainda a lucratividade do negócio para os agricultores. “A cultura da bananeira é, dentre as fruteiras, uma das que oferece a maior rentabilidade média por hectare, considerando-se toda a vida útil do bananal”, frisa.

Com ganhos para os produtores e consumidores brasileiros, uma vez que ainda fornece muitos nutrientes em favor da saúde, a banana nacional é pouco vendida para o exterior. O mercado aquecido em 2016 fez com que menos de 1% da produção fosse exportada, 64.361.054 toneladas – quantidade menor do que em 2015, quando foram embarcadas 80.275.478 toneladas, 1,17% da produção interna. Entre 2001 e 2016, o maior volume exportado ocorreu em 2002, com 245.336,51 toneladas (3,67% da colheita). “De 2010 em diante, essa quantidade vem decrescendo, assim como o percentual de participação, abaixo de 2%”, aponta Áurea.

Novas variedades

O ano de 2016 foi marcado pelo lançamento de duas novas cultivares de banana pela Embrapa Mandioca e Fruticultura. Conforme o pesquisador Edson Perito Amorim, a BRS Pacoua é a primeira cultivar de bananeira do tipo Pacovan registrada e protegida no Brasil junto ao Serviço Nacional de Proteção de Cultivares (SNPC), vinculado ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). “A cultivar foi desenvolvida em parceria com a Embrapa Amazônia Oriental especificamente para o Estado do Pará, que é o quarto produtor da fruta brasileiro”, expõe.

Já a BRS SCS Belluna é a primeira cultivar lançada pela Embrapa indicada para processamento, permitindo agregação de valor à fruta a partir de subprodutos, como banana passa, farinha, biomassa verde e chips. Destinada em específico para Santa Catarina, o desenvolvimento da cultivar contou com parceria da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural do Estado (Epagri). Os catarinenses são o terceiro maior produtor da fruta no País e tradicionalmente aproveitam a banana para a fabricação de processados.

For consumption

In 2016, less than 1% of the national production of bananas was exported

ALMOST IN THEIR ENTIRETY, THE BANANAS PRODUCED IN BRAZIL ARE ABSORBED BY THE DOMESTIC MARKET, 6.96 MILLION TONS OF THE FRUIT

With its unique flavor and aroma, bananas are a favorite with Brazilians. Ease of access is also a factor in the high levels of consumption, as this fruit is present in all corners of the Country. The predilection can be ascertained in the numbers, as approximately 99% of the national production supplied the domestic market in 2016. The banana crop reached a total of 6,962,134 tons, in an area of 474,054 hectares. The activity comprises about 800 thousand production units, most of them run by small-

scale farmers or family farmers.

According to researcher Áurea de Albuquerque Gerum, from Embrapa Cassava and Fruit Farming, in Cruz das Almas (BA), the two main producing regions in Brazil, together correspond to two thirds of the to-

tal production in Brazil. The Northeast produced 2,381,619 tons in the current season (34.27% of the national production), and the Southeast, 2,195,543 tons (31.59%). In the entire national territory, in 2016, average performance reached 14.82 tons per

hectare, achieving the desired target. In the states of Rio Grande do Norte, Paraná and Santa Catarina, where production relies on advanced technology, productivity amounted to 26 tons per hectare.

“One of the contributing factors for this dissimilar results is the level of technology appropriate for micro and mesoregions, which, although disseminated and available, is not yet popular”, explains Áurea, stressing that dense planting per variety, associated

with good management practices, has a positive influence on the results. The specialist also notes the profits derived by the farmers. “Banana crops, among all other fruits crops, result into the best profits per hectare, taking into consideration the entire life cycle of the banana plantations”, she notes.

With gains for the Brazilian growers and consumers, along with the nutrients that contain health related properties, bananas produced in Brazil are rarely sent

abroad. The heated market in 2016 resulted into exports of less than 1 percent, 64,361,054 tons – smaller amount compared to 2015, when shipments amounted to 80,275,478 tons, 1.17% of the entire domestic crop. From 2001 to 2016, the biggest volume exported occurred in 2002, with 245,336.51 tons (3.67% of the crop). “From 2010 onward, this amount has been falling, just like the percentage share, less than 2%”, Áurea notes.

AMARELOU <i>In yellow</i>			
Produção brasileira de bananas			
ANO	ÁREA (hectares)	PRODUÇÃO (toneladas)	RENDIMENTO (quilos por hectare)
2014	478.765	6.953.747	14.524
2015	475.976	6.844.491	14.380
2016	474.054	6.962.134	14.686

Fonte: PAM/SIDRA IBGE

ALÉM DAS FRONTEIRAS <i>Beyond the frontiers</i>					
Embarques nacionais de bananas					
EXPORTAÇÃO	ANO 2016		ANO 2015		VARIACÃO
	Valor (US\$)	Peso (Kg)	Valor (US\$)	Peso (Kg)	
Bananas	21.036.383	64.361.054	24.916.992	80.905.478	-15,57% -20,45%

Fonte: Agrostat/Mapa Elaboração: SRI/CNA e Abrafrutas

■ ■ ■ New varieties

Year 2016 was marked by the launch of two new cultivars of bananas by Embrapa Cassava and Fruit Farming. According to Edson Perito Amorim, the BRS Pacovan is the first banana cultivar of the Pacovan type registered and protected in Brazil by the National Cultivar Protection Service (SNPC), linked to the Ministry of Agriculture, Livestock and Food Supply (Mapa). “The cultivar was developed jointly with Embrapa Eastern Amazon specifically for the State of Pará, the fourth biggest producer of bananas in the Country”, she comments.

The BRS SCS Belluna is the first cultivar launched by Embrapa indicated for processing, which adds value to the fruit through the addition of byproducts, like banana paste, flour, green biomass and chips. Specifically destined for Santa Catarina, the development of the cultivar counted on a partnership with the State Rural Extension and Agricultural Research Company (Epagri). The farmers in Santa Catarina rank as third biggest producers of the fruit in the Country and traditionally make processed foods from bananas.

As 12 mais

CAJU

Cashew

Área ficou em 594.936 hectares em 2016, 24% a menos do que em 2009

Em busca de fôlego

EFEITOS CLIMÁTICOS ADVERSOS NOS ÚLTIMOS CINCO ANOS AFETAM A PRODUÇÃO E A PRODUTIVIDADE DA CAJUCULTURA, QUE SE ARTICULA PARA SUPERAR AS DIFICULDADES

A cadeia produtiva do agronegócio do caju é considerada uma das mais relevantes para a economia dos estados do Rio Grande do Norte, do Piauí e do Ceará, dada sua importância econômica, social, cultural e ambiental. A cajucultura também é uma das poucas atividades da agricultura de sequeiro cuja produção se concentra na entressafra e que conta com extensa área disponível e vocacionada para expansão. Apesar de todos os fatores positivos, nos últimos anos o setor tem sofrido forte retração produtiva, ocasionada em especial pelos efeitos climáticos adversos.

Em 2009, a área plantada com cajueiro no Brasil era de 775.225 hectares, enquanto em 2016 esse espaço foi reduzido para 594.936 hectares, queda de quase 24%. No Ceará, maior Estado produtor do País, a redução foi de pouco mais de 4%, mas no Piauí a diferença foi de quase 55% a menos. O pesquisador José Ismar Girão Parente, aposentado da Embrapa, presidente da Câmara Setorial do Caju do Ceará, destaca que a produção brasileira de castanha de caju também foi bastante afetada no período entre 2012 e 2016.

Em 2011, ano considerado de chuvas dentro da média nos principais estados produtores do Nordeste, a produção brasileira correspondeu a 230.785 toneladas. Em 2016, a colheita foi de apenas 79.765 toneladas, com recuo de 65%. “A produção do Ceará sofreu retração ainda mais significativa quando se compara o volume produzido em 2011, de 111.718 toneladas, com o obtido em 2016, quando foram produzidas apenas 30.763 toneladas, ou seja, redução de quase 73%”, pondera.

Conforme Parente, também coordenador técnico do Projeto Intercaju, da Secretaria da Ciência, Tecnologia e Educação Superior do Ceará, as causas que acarretaram

a queda foram o clima desfavorável nos principais estados produtores nos últimos cinco anos e a ocorrência de pragas e doenças, além da expressiva mortalidade de cajueiros comuns de idade avançada devido à prolongada seca.

“Os reflexos negativos das baixas produções de caju foram sentidos diretamente nas indústrias de beneficiamento de castanha de caju, que se viram obrigadas, por falta de matéria-prima, a paralisar diversas fábricas, afetando de modo significativo as exportações de amêndoas de castanha de caju (ACC) e do líquido da casca da castanha (LCC)”, frisa.

As exportações de ACC alcançaram o valor FOB de US\$ 182.015.701, em 2010, e as de LCC corresponderam a US\$ 13.834.155, em 2011. As exportações de ACC decresceram para US\$ 103.206.128 e as de LCC para US\$ 4.453.448, em 2016. No caso da ACC, a redução das divisas alcançou quase 44%, enquanto no LCC a retração correspondeu a quase 70%. Esses fatores também afetaram a indústria do suco de caju, que não produz mais do que 60 mil toneladas na atualidade, enquanto no passado chegou a produzir mais de 100 mil toneladas.

Reação imediata

Em virtude da relevância da cadeia produtiva do agronegócio caju para a economia nordestina, sobretudo para o Ceará, a Agência de Desenvolvimento do Estado do Ceará (Adece), em articulação com os setores produtivos, representados na Câmara Setorial do Caju, patrocinou a elaboração do Plano de Desenvolvimento da Cadeia Produtiva do Caju do Ceará (PDCP Caju). Em síntese, segundo o pesquisador José Ismar Girão Parente, o objetivo é integrar os diversos atores da cadeia do caju com foco na reorganização da governança nos polos de produção, com vistas a contribuir para elevar a produção, melhorar a produtividade e a qualidade da castanha, do pedúnculo e dos derivados.

Com essa visão, há necessidade de priorizar projetos de fomento e de P&D inovadores; fortalecer o programa de reno-

vação das áreas de cajueiros improdutivos via substituição de copa e distribuição de mudas de cajueiro anão precoce; sistematizar e monitorar o controle de doenças e pragas, promover assistência técnica regular e de qualidade e melhorar a eficiência de processos e produtos na agroindústria do caju.

“Nesse sentido, torna-se imprescindível usar TI para divulgação de pesquisas, desenvolvimento e inovações tecnológicas e fomentar o crescimento das vendas de produtos e derivados do caju no mercado interno e externo”, enfatiza. “Isso deve ser feito com vistas a aumentar a renda dos produtores e a produtividade, principalmente, das micro, pequenas e médias agroindústrias, dando maior sustentabilidade e competitividade à cadeia do caju”.



In pursuit of recovery

Area remained at 594,936 hectares in 2016, down 24% from 2009

BAD WEATHER CONDITIONS OVER THE PAST FIVE YEARS ADVERSELY AFFECT CASHEW NUT PRODUCTION AND PRODUCTIVITY, NOW ENGAGED IN SURMOUNTING THE DIFFICULTIES

The cashew supply chain is seen as one of the most relevant for the agribusiness related economies in the states of Rio Grande do Norte, Piauí and Ceará, due to its economic, social and environmental importance. Cashew farming is also one of the few dryland agricultural activities whose production takes place at off-season time and counts on a vast area suitable for its expansion. Despite all the positive factors, over the past years the sector has suffered steep production declines, brought about by adverse weather conditions.

In 2009, the area devoted to cashew nuts in Brazil amounted to 775,225 hect-

ares, while in 2016 it was reduced to 594,936 hectares, down almost 24%. In the State of Ceará, biggest producer in the Country, production was down about 4%, but in Piauí it was down almost 55%. Researcher José Ismar Girão Parente, who has retired from Embrapa, president of the Cashew Nut Sectoral Chamber of Ceará, recalls that the Brazilian production of cashew nuts was equally adversely affected

in the period from 2012 to 2016.

In 2011, a year characterized by timely rainfalls in the Northeastern cashew producing states, total production in Brazil reached 230,785 tons. In 2016, total harvest amounted to 79,765 tons only, down 65%. “Production in Ceará suffered an even more serious decline if we compare the volume produced in 2011, of 111,718 tons, to the volume in 2016, when only

30,763 tons were produced, that is to say, down almost 73%”, he says.

According to Parente, also technical director of the Intercaju Project, run by the Higher Education and Technology Science Secretariat in Ceará, the blame of the decline goes to unfavorable weather conditions in the producing states, over the past five years, and to the outbreaks of diseases and pests, besides the expres-

sive number of trees that die as a result of old age and prolonged drought.

“The cashew nut processing industries were greatly affected by the smaller production of cashew nuts, which, because of the lack of raw material, were forced to shut down several factories, with significant reflections on cashew nut (ACC) and cashew nut shell liquid (LCC) exports”, he comments.

ACC exports reached a FOB value of US\$ 182,015,701, in 2010, and LCC corresponded to US\$ 13,834,155, in 2011. ACC exports dropped to US\$ 103,206,128 and LCC exports to US\$ 4,453,448, in 2016. In the case of ACC, revenue was down almost 44%, whilst the drop in LCC exports corresponded to almost 70%. These factors equally affected the cashew juice industry, which at present is only producing 60 thousand tons.

TERRA DE CAJU *Cashew land*

Área plantada de cajueiro no Brasil (hectares)

ANOS	BRASIL	CEARÁ	RIO GRANDE DO NORTE	PIAUI	OUTROS
2006	710.404	371.032	114.754	159.389	65.229
2007	731.818	376.141	116.483	172.712	66.482
2008	748.448	386.757	116.685	179.395	65.611
2009	775.225	396.538	129.227	184.145	65.315
2010	760.110	401.527	121.552	171.420	65.611
2011	764.475	411.670	126.208	171.525	55.072
2012	765.030	413.035	129.507	180.569	41.919
2013	708.808	411.598	122.354	141.041	33.815
2014	656.463	410.066	115.467	101.225	29.705
2015	619.196	389.358	96.120	87.474	46.244
2016	594.936	384.905	80.798	82.108	47.125

Fonte: IBGE.

Immediate reaction

By virtue of the relevance of the cashew nut supply chain for the northeastern economy, particularly for Ceará, the Ceará State Development Agency (Adece), jointly with the productive sectors, representatives of the Cashew Sectoral Chamber, sponsored the Development Plan for the Cashew Nut Supply Chain of Ceará (PDCP Caju). In short, according to researcher José Ismar Girão Parente, the aim consists in integrating all the players of the cashew supply chain, with the focus on reorganizing the governance in the production hubs, ultimately seeking higher production volumes, through an improvement of the productivity and quality of cashew, peduncle and derivatives.

With such a vision, there is need to give priority to promotional projects and innovative P&D; strengthen the un-

productive cashew nut renewal areas by means of replacing the canopies and the distribution of early dwarf cashew nut seedlings; systemize and monitor the control of diseases and pests, whilst promoting technical assistance and quality, without overlooking the efficiency of the processes and products at the cashew nut agroindustry.

“Within this context, it is indispensable to use TI for giving publicity to research, development and technological innovations and, at the same time, promote the growth of product sales and its derivatives in the domestic and foreign markets”, he insists. “This should be done with an eye on improving farmers’ income and productivity, especially at micro, small and medium size agroindustries, thus turning the cashew nut supply chain more sustainable and competitive”.

As 12 mais

LARANJA

Orange

Safra 2016/17 no Cinturão Citrícola registra menor volume em 28 anos

Renovando energias

PRODUÇÃO DE LARANJA E DE SUCO DO LÍDER BRASIL BAIXA DE FORMA SIGNIFICATIVA, TEM PREÇOS ELEVADOS E BUSCA A RETOMADA PARA O NOVO CICLO

A principal fruta do Brasil, a laranja, em que o País é líder mundial, junto com o suco da fruta, caiu muito em produção nos últimos anos e, na fase 2016/17 (de julho a junho), deve registrar nova queda. No chamado Cinturão Citrícola (São Paulo e Triângulo Mineiro), que concentra dois terços do total, o volume pode diminuir 18,7%, o menor em 28 anos, de acordo com estimativa do Fundo de Defesa da Citricultura (Fundecitrus), em dezembro de 2016. Mas para próxima temporada o segmento

evidencia possível reação, embora a oferta ainda deva continuar apertada.

A explicação para o resultado recente é o menor “pegamento” dos frutos na maioria das regiões do cinturão produtor, em função de forte calor no período do processo. Além disso, conforme análise do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq), da Universidade de São Paulo (USP), a redução do parque citrícola nos últimos anos, decorrente da crise de preços; os investimentos limitados dos produtores e o avanço da doença *greening* reforçam a diminuição no volume produzido.

Com isso, o estoque de passagem das indústrias pode chegar próximo a zero no final da safra. O volume de suco estocado previsto pela Associação Nacional dos Exportadores de Sucos Cítricos (CitrusBR) para esse momento, em junho de 2017, ficaria em torno de 2 mil toneladas, o menor

nível da história e bem abaixo da quantidade considerada estratégica, de 300 mil toneladas. Maior fornecedor mundial do produto, em 97% destinado ao exterior, e sendo o país que responde por cerca de 70% do total comercializado, o Brasil procura atender ao mercado e, entre julho e dezembro de 2016, conseguiu embarcar quantidade semelhante à deste período em 2015.

No ano civil de 2016, a exportação de suco de laranja brasileiro chegou a apresentar pequena elevação (4%) em relação a 2015, enquanto nos primeiros seis meses do ano safra 2016/17 ficou em níveis parecidos. A União Europeia é o principal mercado e teve pequeno crescimento nas vendas fechadas em 2016, mas queda nos números parciais do novo ciclo. Enquanto isso, a destinação para os Estados Unidos, segundo maior cliente do produto brasileiro e segundo produtor mundial, que também colhe safra menor, teve aumento de 19% nas operações feitas no semestre.

Impulso para investir

Com menor produção brasileira e americana, os preços, tanto da matéria-prima como do produto industrial, registraram aumento expressivo em nível nacional e internacional, como levantou o Cepea. Na média parcial da temporada entre julho e dezembro de 2016, o preço da laranja pera e tardia nas processadoras atingiu R\$ 22,21 pela caixa de 40,8 quilos, o que representa aumento de 79,2% na comparação com a média do mesmo período em 2015. Já as cotações do suco na Bolsa de Nova York, no final de 2016, ultrapassaram a US\$ 3.000,00 pela tonelada.

Para o ciclo 2017/18, a indicação verificada pelo centro de

estudos no início de janeiro de 2017 era de que houvesse aumento de produção. Neste sentido, estariam contribuindo floradas consideradas satisfatórias e chuvas dentro ou acima da média, além de clima ameno, favorecendo o “pegamento” dos frutos, e ainda a retomada de investimentos em tratamentos culturais, com impulso dos maiores preços. A principal região produtora voltaria a resultados próximos a 300 milhões de caixas, contra cerca de 244 milhões estimadas para a temporada anterior. Mas os volumes ainda não seriam suficientes a fim de trazer os estoques de suco de laranja para o equilíbrio técnico.

Renewing energy

PRODUCTION OF ORANGES AND JUICES IN BRAZIL, LEADING PRODUCER, DROPPED CONSIDERABLY, PRICES ARE HIGH AND A RESUMPTION IN THE NEW CYCLE IS EXPECTED

Brazil's most popular fruit, the orange, of which the Country is the leading global producer, along with the juice, dropped considerably in production over the past years and, in the 2016/17 growing season (June through July), should register further declines. In the so-called Citrus Belt (São Paulo and Triângulo Mineiro), which concentrates two thirds of the total, the volume is likely to go down 18.7%, the smallest in 28 years, according to an estimate by the Citriculture Surveillance Fund (Fundecitrus), in December 2016. For the next season, the segment anticipates a possible reaction, although supply is supposed to continue tight.

The explanation for the recent result lies in poor "fruit setting" in the majority of the citrus belt producing regions, by virtue of the abnormally high temperatures in the processing period. Furthermore, according to an analysis by the Center for Applied Studies on Advanced Economics (Cepea), of the Luiz de Queiroz College of Agriculture (Esalq), linked to the University of São Paulo (USP), the reduction in the cit-

rus park over the past years, stemming from the price crisis; limited investments by the farmers and the outbreaks of the "greening" disease account for the smaller volume produced.

As a result, the companies' closing stocks could be reduced to almost zero at the end of the season. The volume of stocked juice anticipated by the National Association of Citrus Juice Exporters (CitrusBR) for that moment, in June 2017, is supposed to remain at 2 thousand tons, the lowest level in history and way below the amount considered to be strategic, 300 thousand tons. Leading supplier of the product, with 97% destined for abroad, and responsible for about 70% of the total volume traded in

the world, Brazil supplies the market and, from July to December 2016, the shipments abroad reached the same volume of the 2015 period.

In the 2016 civil year, exports of Brazilian orange juice were slightly up (4%) from 2015, and in the first six months of the 2016/17 growing season the numbers suffered no changes. The main market is the European Union, and its purchases increased slightly in 2016, while the partial numbers of the new cycle went down. In the meantime, the shipments to the United States, second biggest client of the Brazilian product and second-largest global producer, now dealing with a smaller crop, went up 19% during the first two quarters.

CAMPEÃ DOS POMARES *Orchard leader*

Números da laranja no Brasil

SAFRA	2015	2016
Área (ha)	665.174	667.529
Produção (t)	16.746.247	15.983.273

Fonte: IBGE/Dezembro de 2016

CINTURÃO CITRÍCOLA (SÃO PAULO E TRIÂNGULO MINEIRO)

SAFRA	2015/16	2016/17
Produção (t)	12.266.520*	9.963.360**

Fonte: Fundecitrus/Dezembro 2016 (* 300,65 milhões de caixas de 40,8 kg/** 244,20 milhões de caixas de 40,8 kg)

EXPORTAÇÃO DE SUCO DE LARANJA DO BRASIL

ANO CIVIL	2015	2016
Volume (T de FCOJ equivalente)	1.038.466	1.080.448
Receita (US\$ mil)	1.764.710	1.800.460

PARCIAL SAFRA (JULHO-DEZEMBRO)	2015/16 (2015)	2016/17 (2016)
Volume (T de FCOJ equivalente)	475.406	474.916
Receita (US\$ mil)	776.261	831.848

Fonte: Secex-MDIC/CitrusBR.

Willingness to invest

Due to the smaller production in Brazil and in the United States, prices of both the raw material and the industrial product registered expressive increase at home and abroad, according to Cepea sources. In the partial average of the season between July and December 2016, the price of sweet and late-maturing oranges reached R\$ 22.21 per 40.8-kilogram box, at the processing plants, up 79.2% from the average of the same period in 2015. Juice prices at the New York Stock Exchange, in late 2016, fetched upwards of US\$ 3,000 a ton.

For the 2017/18 growing cycle, the indication ascertained by the

Center of Applied Studies, in early January 2017, pointed to increases in production. Within this context, the contribution is supposed to be coming from the fruiting buds and their satisfactory blossoming, along with average or above average rainfall, mild climate conditions favoring the fruit setting process, besides a resumption of investments in cultural practices, driven by the higher prices. The main producing region is again supposed to reach results of approximately 300 million boxes, against 244 million estimated for the previous season. However, the volumes will not be big enough to bring orange juice stocks back to the technical balance.



XXV CONGRESSO BRASILEIRO DE FRUTICULTURA

LXIII REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE INTERAMERICANA DE HORTICULTURA TROPICAL

GRANDES DESAFIOS, CIÊNCIA E CONHECIMENTO PARA INOVAÇÃO.

11 a 15 de Setembro/2017

Praia de Taperapuan
Porto Seguro • Bahia • Brasil

Promoção:



Realização:



Mais informações:

www.fruticultura2017.com.br
www.fruticultura.org



Contato:

(65) 3621-1314
fruticultura2017@industriadeeventos.com.br

Organização:

Indústria
d'Eventos

As 12 mais

LIMÃO

Tahiti lemon

Momentos atípicos

SEGMENTO DE LIMÃO ENFRENTA EM PERÍODO RECENTE COMPORTAMENTO ATÍPICO EM CLIMA, PRODUÇÃO E PREÇOS, QUE SE MANTIVERAM ALTOS DURANTE 2016

O conceituado limão brasileiro, também conhecido como lima ácida tahiti, passou em 2015 e 2016 por fases que fugiram à normalidade. O mercado da fruta em São Paulo, maior Estado produtor, “está atípico neste ano, em decorrência da elevada demanda industrial, principalmente no primeiro trimestre, e externa, além dos efeitos do clima”, registrou o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Universidade de São Paulo (USP), em agosto de 2016.

“Houve uma mudança no ciclo de chuvas, ainda em 2015, e assim no ciclo do produto e dos preços”, identificou Afonso Castelucci, presidente da Associação Brasileira dos Produtores e Exportadores de Limão (Abpel), em setembro de 2016, para o *Anuário Brasileiro de Citros*. Foram recebidos valores elevados em períodos não típicos deste comportamento, como o pagamento de R\$ 70,00 pela caixa do produto no mês de agosto de 2016 no mercado interno, observou o dirigente.

Inclusive em boa parte do primeiro trimestre, quando os preços costumam cair, a fruta foi negociada em patamares elevados, refletindo a oferta restrita do produto, comentou o Cepea, em agosto de 2016. Já na virada do ano, o centro de estudos avaliou que os valores do limão permaneceram elevados em quase todo o período, com média recorde entre fevereiro e outubro, na ordem de R\$ 41,82 pela caixa, o que representa aumento de 57,3% em relação a 2015.

A produção da fruta, pelos números oficiais de 2015 para o País, ainda chega a registrar recuperação sobre o ano anterior, mas em São Paulo, que responde por 64% do total, os resultados foram um pouco inferiores, inclusive na área colhida. Houve algum incremento nos estados que sucedem São Paulo entre os primeiros na cultura, Bahia e Minas Gerais, cada qual com pouco mais de 10% da produção nacional. Já em 2016, pelo observado no mercado, a avaliação é de que houve redução na oferta.

Em nível externo, onde o produto do Brasil ganhou destaque nos últimos anos “pela sua disponibilidade durante o ano inteiro e por sua boa aparência”, conforme lembra o dirigente da Abpel, o setor manteve estabilidade no volume vendido em 2016. Já a receita aumentou 14,4%, recuperando boa parte do valor menor atingido no ano anterior. O principal mercado do limão brasileiro é o europeu, destinando-se a maior parte para os Países Baixos.

Em transição

Para 2017, conforme levantou o Cepea, a expectativa é de obter “maior qualidade e quantidade nas frutas de limão tahiti, devido ao clima mais favorável em 2016, com chuvas bem distribuídas e floradas satisfatórias nos pomares paulistas”. De modo geral, de acordo com Afonso Castelucci, presidente da Associação Brasileira dos Produtores e Ex-

portadores de Limão (Abpel), o setor passa por fase de transição. Depois de um avanço, afirma, apresentam-se alguns problemas no processo produtivo, que precisam merecer total e rápida atenção, além de se avançar sempre mais em padrões e processos, para assegurar boas perspectivas ao segmento, dentro e fora do País.

Atypical moments

LEMON SEGMENT IS GOING THROUGH AN ATYPICAL BEHAVIOR WITH REGARD TO CLIMATE, PRODUCTION AND PRICES, WHICH CONTINUED HIGH IN 2016

The highly regarded Brazilian lemon, also known as Tahiti acid lime, experienced abnormal stages in 2015 and 2016. The market of the fruit in State of São Paulo, leading producer in Brazil, “is going through an atypical moment this year, a situation that stems from high industrial and

foreign demand, especially in the first quarter, along with the climate effects”, said officials from the Center for Applied Studies on Advanced Economics (Cepea), of the University of São Paulo (USP), in August 2016.

“There has been a change in the rainy season, starting in 2015, a fact that had an influence upon products and prices”, said Afonso Castelucci, president of the Brazilian Association of Lemon Producers and Exporters (Abpel), in September 2016, in an interview published by Brazilian Citrus Yearbook. Lemons fetched high prices in periods non-typical to this behavior, like R\$ 70 per box in August 2016, in the domestic market, the official commented.

During almost the entire first quarter of

the year, when prices normally drop, the fruit was negotiated at high prices, reflecting tight supply of the product, said Cepea sources, in August 2016. At the turn of the year, surveys by the Center for Applied Studies concluded that lemon prices continued high during the entire year, with record average from February to October, at R\$ 41.82 per box, up 57.3% from 2015.

Judging from the official numbers released in 2015, lemon production showed a slight recovery from the previous year, but in São Paulo, State that accounts for 64% of the total, results were slightly lower, even in harvested area. There was some increase in the States that come after São Paulo in crop size, especially Bahia and

Minas Gerais, each of them accounting for little more than 10% of the national production. In 2016, from an evaluation of the market, there was a drop in supply.

In the foreign market, where Brazilian lemons gained momentum over the past years because, in the words of Abpel president, “they are available all year round and have an attractive appearance”, the sector shipped abroad the same volume in 2016. Revenue went up by 14.4%, recovering a huge portion of the value achieved in the previous year. The European Union is the biggest destination for Brazilian lemons, where the leading buyers are the Netherlands.

■ ■ ■ In transition

For 2017, according to surveys by Cepea, the expectation is for a “bigger crop and lemons of higher quality, due to favorable weather conditions throughout 2016, with abundant and well-distributed rainfall, resulting into fruit maturing in a promising and healthy way in the orchards of São Paulo”. In general, according to Afonso Castelucci, president of the Brazilian Association of Lemon Producers and exporters (Abpel), the sector is going through a transition period. After some advances, he says, problems arise in the productive process, which require total and immediate attention, besides for the need of making strides in patterns and processes, if good perspectives for the segment are to be ensured.

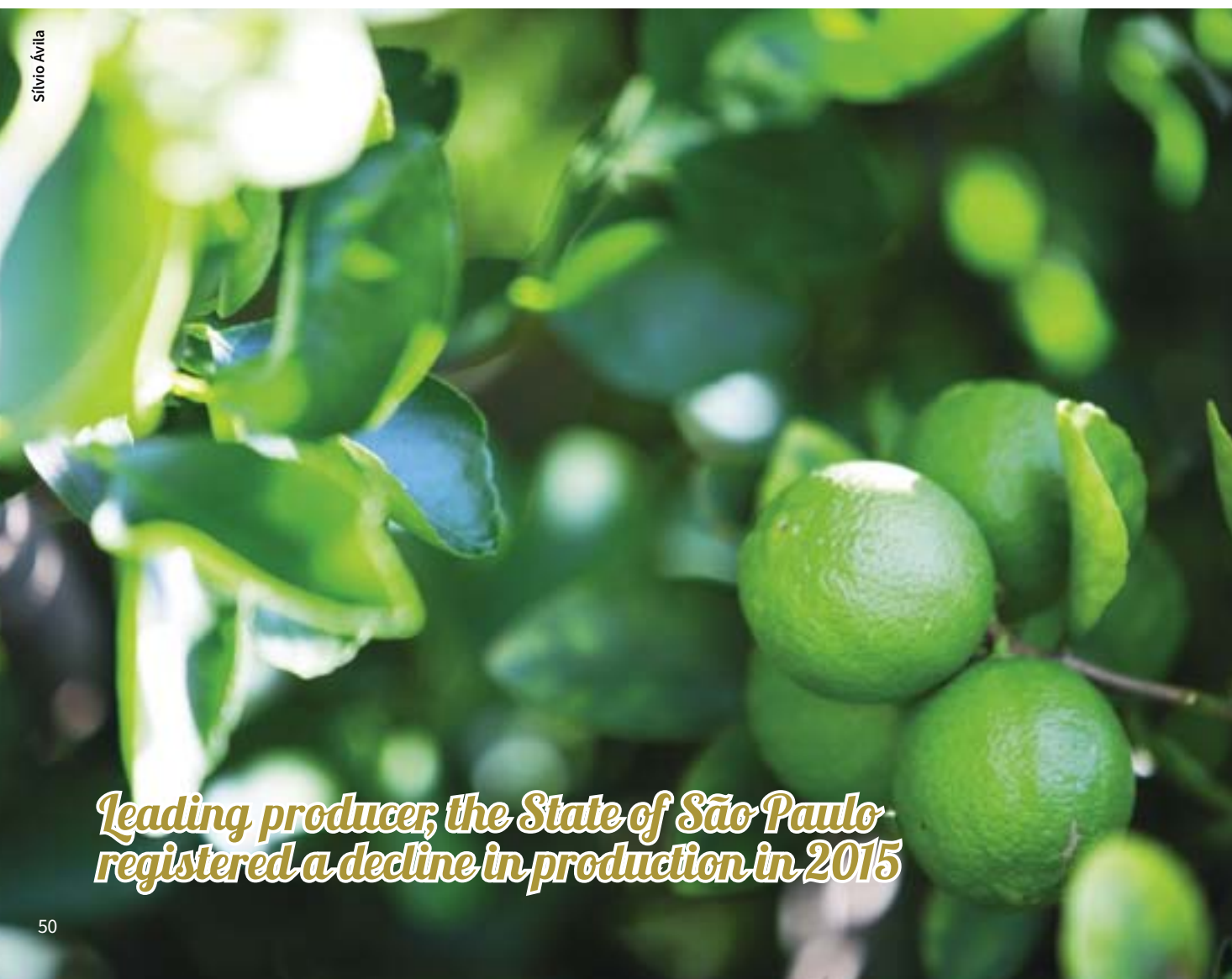


BONS FRUTOS ÁCIDOS *Good acid fruit*

Situação do limão brasileiro

SAFRA	2014	2015
Área (ha)	43.399	46.078
Produção (t)	1.101.799	1.180.271
Valor (R\$ mil)	803.220	847.030
SÃO PAULO, MAIOR PRODUTOR		
Área (ha)	23.110	22.620
Produção (t)	764.514	759.495
Fonte: IBGE/PAM 2015		
EXPORTAÇÃO	2015	2016
Volume (kg)	96.631.614	95.747.978
Receita (US\$)	78.600.751	89.932.214
Fonte: Secex/MDIC.		

Sívrio Ávila



Leading producer, the State of São Paulo registered a decline in production in 2015



Uma empresa agrícola focada nas exportações

- O maior exportador de limão Tahiti no Brasil;
- A primeira empresa a obter o certificado GlobalGap em grupo no Brasil;
- A primeira empresa no Brasil a obter a certificação Tesco's Nurture para a produção de limão Tahiti.

e-mails: waldyr.promicia@itacitrus.com.br
silmara.pasiani@itacitrus.com.br

www.itacitrus.com
Phone: 55 17 3546-2942

ITACITRUS

As 12 mais

MAÇÃ

Apple

Clima influenciou na quantidade de maçãs produzidas na temporada anterior

Extraordinária

ORGANIZAÇÃO DO SETOR DE MAÇÃ PREVÊ UMA SAFRA ACIMA DO NORMAL NA QUALIDADE DOS FRUTOS COLHIDOS E RECUPERAÇÃO NOS VOLUMES NO CICLO 2016/17

Um paraíso se descortina diante dos que colhem os primeiros frutos das macieiras concentradas 99% no Sul do Brasil na safra 2016/17. A colheita da maçã brasileira, a partir de janeiro de 2017 com a variedade Gala e a partir de março com a Fuji, que respondem por 95% da produção, encerrando em maio, mas com técnicas de boa conservação por todo ano, mostra no seu início um quadro de frutos considerados de alto padrão. Além disso, a quantidade colhida apresenta recuperação em relação ao ciclo anterior, que havia dimi-

nuído por problemas climáticos.

Em fim de janeiro de 2017, a Associação Brasileira de Produtores de Maçã (ABPM) registrava início da colheita de “uma das safras mais extraordinárias em termos de qualidade”. O presidente Pierre Nicolas Pérès justificava que “as principais regiões produtoras foram premiadas com clima absolutamente favorável no cultivo da fruta”. Em seu entender, situações como o inverno bastante rigoroso e a primavera pouco chuvosa de 2016, além da baixa ocorrência de chuvas de granizo, estavam concentrando a safra em frutos graúdos, de excelente qualidade física e sanitária, crocantes, suculentos, aromáticos e bastante saborosos pelo equilíbrio da relação açúcar-acidez.

Por outro lado, o representante do setor confiava na retomada de patamares de volumes semelhantes aos de dois anos atrás, com o que “será possível atender de forma plena à demanda brasileira em todos os nichos de mercado relacionados a tamanho e qualidade, com excedentes que serão exportados”. O ciclo 2015/16 foi

menor do que o anterior, com prejuízos por granizo e geadas fora de época, em especial nas regiões de Fraiburgo (SC) e Vacaria (RS), observou o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Universidade de São Paulo (USP), e confirmou o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Com menor oferta, conforme analisa Isabela Costa, do Cepea, os preços aumentaram, “mas a limitação de volume e o custo de produção alto foram entraves a uma boa rentabilidade”. Considera que “a crise política e econômica também repercutiu no mercado, além da importação mais acentuada”. Já a exportação caiu bastante, segundo ela, por “quebra de safra, concorrência externa e atratividade do mercado doméstico, com preço elevado”. Para a temporada 2016/17, previa recuperação, tanto na produção quanto em investimentos no campo, embora a área, de forma geral, não se alterasse, e até diminuísse um pouco. A região de São Joaquim (SC), a principal, crescerá.

■ ■ ■ Entusiasmo

O bom ânimo com a nova safra foi evidenciada na abertura oficial da colheita realizada em Santa Catarina, maior Estado produtor, em 30 de janeiro de 2017. No ato, ocorrido em Fraiburgo, considerado o berço da pomicultura moderna no País e segundo município produtor no Estado, foi reiterada a “excepcional qualidade” das frutas e o incremento produtivo, que deve chegar a cerca de 20% no Brasil e no Estado. O governador Raimundo Colombo prestigiou o evento, mencionou apoio ao setor e enfatizou que seu bom resultado também ajuda a enfrentar a crise econômica no País.

Outro grande produtor, o Rio Grande do Sul, já no final de 2016 garantia “excelente qualidade e quantidade para abastecer o mercado”, enquanto o Sul do Paraná, com menor porém crescente produção, ressaltava a boa receita proporcionada. A maçã é uma das frutas mais consumidas no País (no grande atacado, em São Paulo, foi a segunda mais comercializada em 2016) e a maior produção de 2017 deve permitir a retomada nas exportações, que atendem Europa e países da Ásia e do Oriente Médio. A cadeia produtiva, conforme o *Anuário Brasileiro da Maçã 2016*, movimentou cerca de R\$ 6 bilhões e gera 195 mil empregos.

Extraordinary

ORGANIZATION OF THE APPLE SECTOR ANTICIPATES ABOVE-AVERAGE CROP AS FAR AS QUALITY AND VOLUME RECOVERY GO, IN THE 2016/17 GROWING SEASON

A real paradise is unfolding before the eyes of those who are picking the first fruits of the apple trees concentrated (99%) in South Brazil, in the 2016/17 growing season. Brazilian apple harvest started as of January 2017 with the Gala variety, followed by the Fuji variety in March, and they account for 95% of the entire production. Harvest normal-

ly finishes in May, a time when year round conservation technologies come in. First pickings are pointing to a picture of excellent quality fruits. Furthermore, the amount already picked signals a recovery from the previous season, which was adversely affected by climate problems.

In late January 2017, the Brazilian Association of Apple Producers (ABPM) registered the beginning of the harvest of

“one of the most extraordinary crops in terms of quality”. President Pierre Nicolas Péres justified that “the main producing regions were rewarded with climate conditions absolutely favorable to the cultivation of the fruit”. In his understanding, such situations as a rather cold winter and moderately rainy spring in 2016, besides insignificant hailstorm incidences, were resulting into a crop of big apples, of ex-

cellent physical and sanitary quality, with a crisp bite, succulent, aromatic and delicious, as a result of the balance between sweetness and acidity.

On the other hand, the representative of the sector was expecting a crop size similar to two years ago, making it possible to fully meet Brazilian demand in all market niches related to size and quality, with surpluses to be exported”. The 2015/16 season was smaller than the previous one, with losses caused by an untimely freeze, particularly in the regions of Fraiburgo (SC) and Vacaria (RS), observed the Center for Applied Studies on Advanced Economics (Cepea) of the University of São Paulo (USP), and confirmed by the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE).

With tighter supply, analyzes Isabela Costa, from Cepea, prices soared, “but

volume limitations and production costs hindered the rate of profit from rising”. She has it that “the economic and political crisis also impacted upon the market, besides driving up imports”. Shipments abroad dropped considerably, according to her, and the blame goes to the smaller crop, foreign competitiveness and the at-

traction exerted by the domestic market, with higher prices”. For the 2016/17 growing season, she anticipated a production and field investment recovery, though, in general, the planted area would suffer no changes, except for a slight reduction. In the meantime, the region of São Joaquim (SC) is expected to rise, she said.

O CORTE DA FRUTA *Fruit slices*

Quadros das últimas colheitas da maçã brasileira

SAFRAS	2015	2016
Produção (t)	1.264.651	1.064.708
Área colhida (t)	35.842	34.399
Participação Região Sul (%)	98,8	98,8
Santa Catarina (%)	48,5	49,4
Rio Grande do Sul (%)	47,3	45,6
Paraná (%)	3,2	4,2
Fonte: IBGE/LSPA - Dezembro de 2016		
EXPORTAÇÃO	2015	2016
Maçã (t)	60.113	30.657
Suco de maçã (t)	23.544	11.496
IMPORTAÇÃO		
Maçã (t)	77.413	155.523
Fonte: Secex/MDIC.		

Enthusiasm

The excitement about the new crop became clear at the official inauguration of the apple harvest ceremony held in Santa Catarina, leading apple producing State. On that occasion, in the town of Fraiburgo, viewed as the cradle of modern apple farming in the Country and second biggest producer in the State, the speakers dwelled on the “exceptional quality” of the fruits and the higher production volume, up about 20% in Brazil and in the State. State governor Raimundo Colombo attended the event, promised to lend support to the sector and emphasized that the good result of the apple sector is an extra force behind the efforts of the Country to surmount the economic crisis.

The other relevant producer, Rio Grande do Sul, in late 2016 was celebrating a crop of “excellent quality and big enough to supply the market”, whilst the farmers in South Paraná, with a smaller crop but on a rising trend, were commemorating the profits brought by the fruit. The apple is one of the most consumed fruit in the Country (at the São Paulo wholesale produce market, it ranked as second most traded fruit in 2016). The bigger crop in 2017 should lead to a resumption of exports to Europe, Asia and Middle-East. The supply chain, according to the 2016 Brazilian Apple Yearbook, is responsible for R\$ 6 billion in sales and generates 195 thousand jobs.

Climate adversely affected the amount of apples produced in the previous season



As 12 mais

MAMÃO

Papaya

No ritmo dos ciclos

MAMÃO BRASILEIRO VIVEU ENTRE 2015 E 2016 FASE DE REDUÇÃO PRODUTIVA E AUMENTO DE PREÇOS, ENQUANTO O PERÍODO SEGUINTE JÁ MOSTRA NOVO QUADRO

A oferta de mamão ficou reduzida entre 2015 e 2016 no Brasil, segundo maior produtor mundial. A situação, conforme Rodrigo Martins, presidente da Associação Brasileira dos Produtores e Exportadores de Papaya (Brapex), resulta dos ciclos de produção que acompanham a fruticultura, em que disponibilidade baixa e preço alto estimulam o plantio, o que volta a diminuir o valor, o cultivo e a oferta do produto, num ciclo que nessa cultura leva de nove (entre plantio e início de colheita) a 21 meses (plena produção). Além disso, frisa, contribuiu de forma decisiva a falta de chuvas na região produtora.

O dirigente menciona que o problema

ocorreu tanto no Norte do Espírito Santo (Estado que é o segundo maior produtor e principal exportador) e no Sul da Bahia (Estado líder na produção), assim como no Norte de Minas Gerais, no Oeste da Bahia e em áreas produtoras do Rio Grande do Norte e do Ceará. “A deficiência hídrica e as altas temperaturas provocaram déficit na produtividade das lavouras de mamão nacional”, observa Martins. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) verificou essa realidade em 2015, que ainda se reflete em 2016.

Sem dados oficiais disponíveis para este último ano, o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepa), da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq) da Universidade de São Paulo (USP), já levantava ao seu final queda de área da ordem de 9,9%, em pesquisa nas principais regiões produtoras, com reflexos na produção, nos preços e na exportação. Os preços internos ficaram mais elevados, alcançando inclusive o valor mais alto na série de que o organismo dispõe desde 2001 sobre o Espírito Santo, garantindo assim rentabilidade

positiva aos produtores, conforme apurou, mesmo com aumento de custos.

No primeiro semestre de 2016, confirma Rodrigo Martins, da Brapex, os preços do mamão atingiram patamares históricos. Segundo suas informações, o Papaya no Espírito Santo e no Sul da Bahia chegou a atingir a marca de R\$ 6,00 pelo quilo da fruta colhida no campo, enquanto o Formosa chegou a valer R\$ 4,00 pelo quilo na lavoura. Estes preços dificultaram as exportações e contribuíram para a queda nos volumes exportados no ano (menos 4,67%), além, é claro, da diminuição na produção nos pomares.

Já a partir do segundo semestre de 2016, de acordo com a mesma fonte, os preços do produto começaram a cair: o mamão Formosa baixou e estabilizou o valor pago em média de R\$ 1,00 pelo quilo, até o final de novembro, quando despencou para R\$ 0,30 a R\$ 0,40 pelo quilo, assim permanecendo até janeiro de 2017. O mesmo ocorreu, segundo ele, com o Papaya, que registrou altíssima produção a partir de setembro, ocasionando “queda absurda” no preço, para média de R\$ 0,30/kg/campo.

Empolgação e realidade

De igual modo, as perspectivas do presidente da Brapex, Rodrigo Martins, para o mercado nacional em 2017 são de preços baixos devido à alta oferta do produto, dentro da teoria dos ciclos da cultura. “Vários produtores se empolgaram com os altos preços no início de 2016, aumentaram plantios e agora vivem realidade de vender o produto com valores abaixo do custo de produção”, constatou em janeiro de 2017. Quanto à exportação, que fica ainda na faixa dos 2% da produção, vê tendência de aumento nos volumes embarcados, com mais produto e mais qualidade, além de câmbio ainda favorável.

O maior mercado do produto brasileiro é a Europa, com Países Baixos, Portugal, Espanha, Reino Unido e Alemanha aparecendo entre os principais compradores em 2016, seguidos dos Estados Unidos. Inclusive com este país, o Brasil firmou acordo recente que deve facilitar as exportações. Mudanças no plano de trabalho preveem maior agilidade no processo de colheita, tratamento e embalagem do fruto, com maior flexibilidade de horários para sua manipulação, o que, conforme Martins, poderá ocasionar gradativo aumento nas vendas ao mercado americano.



The rhythm of the cycle

Price and supply also impacted upon papaya exports in 2016

BRAZILIAN PAPAYA WENT THROUGH A DECLINING PRODUCTION AND PRICE INCREASING PHASE FROM 2005 TO 2016, WHILST A NEW PICTURE IS ARISING IN THE NEXT PERIOD

Papaya supplies suffered drastic reductions from 2015 to 2016 in Brazil, second-biggest global producer. The situation, according to Rodrigo Martins, president of the Brazilian Association of Papaya Producers and Exporters (Brapex), results from the variations in the fruit production cycles, when supplies shrink and prices soar, encouraging the farmers to plant more fruit trees which, in turn, press down the value, the cultivation and the supply of fruits, in a cycle that in this crop takes from 9 months (from planting to the beginning of harvest) to 21 months (full production). Further-

more, he stresses, the dry spells in the fruit producing regions also play a decisive role.

The official mentions that the problem occurred both in North Espírito Santo (State that is the second biggest producer and leading exporter) and in South Bahia (State that leads production), as well as in North Minas Gerais, in Western Bahia and in producing areas in Rio Grande do Norte and Ceará. “Dry spells and high temperatures are to blame for the smaller productivi-

ty rates of the national papaya fields” observes Martins. The Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE) ascertained this reality in 2015, with reflections extending through most of 2016.

With no data available for the past year, the Center for Applied Studies on Advanced Economics (Cepea), of the Luiz de Queiroz College of Agriculture (Esalq), the University of São Paulo (Esalq/USP), by year’s end, had ascertained an area reduction of 9.9%, from

surveys of the main producing regions, with reflections upon production, prices and exports. Domestic prices soared to the point that they reached the highest values in the series available to the organ since 2001 relative to Espírito Santo, thus ensuring positive results to the producers, as ascertained, in spite of soaring production costs.

In the first half of 2016, says Rodrigo Martins, from Brapex, papaya prices reached all-time records. According to his

information, the Papaya in Espírito Santo and South Bahia went so far as to fetch a farm gate price of R\$ 6 per kilogram, whilst the Formosa fetched R\$ 4 per kilogram in the field. These high prices jeopardized exports and were a factor in the smaller volumes shipped abroad over the year (down 4.67%), and, of course, they are also responsible for the smaller production volumes in the orchards.

As of the second half of 2016, according

to the same source, prices began to drop: the price of the Formosa papaya began to recede and stabilized at an average of R\$ 1 per kilogram, until late November, when it plummeted to R\$ 0.30 to R\$ 0.40 per kilogram, remaining as such until late January 2017. According to him, the same thing occurred with the Papaya, which registered very high production volumes as of September, leading to “absurdly low prices” to an average of R\$ 0.30/kg/farm gat

COMO VAI O PAPAYA BRASILEIRO

Brazilian papaya

Últimas informações sobre o mamão do Brasil

SAFRA	2014	2015
Área (ha)	32.031	30.285
Produção (t)	1.603.351	1.463.770
Valor (R\$ mil)	1.210.732	1.164.872

Fonte: IBGE/PAM 2015

EXPORTAÇÃO	2015	2016
Volume (Kg)	39.798.647	37.938.585
Receita (US\$)	43.675.555	43.088.633

Fonte: Secex/MDIC.

■ ■ ■ Dream and reality

Likewise, the perspectives expressed by Brapex president Rodrigo Martins for the national market in 2017 refer to low prices due to abundant supply, within the theory of the crop cycles. “Several producers got excited by the high prices in early 2016, increased their planted areas and are now facing the reality of having to sell their fruit below production costs”, he ascertained in early January 2017. As for exports, still representing 2% of the entire production volume, he anticipates the trend for bigger shipments abroad, involving more fruit and better quality, besides the still favorable exchange rate.

Europe is the biggest destination for Brazilian papayas, where the leading buyers in 2016 were the Netherlands, Portugal, Spain, the United Kingdom and Germany, followed by the United States. With the latter country, Brazil has recently signed an agreement that should make exports less complicated. Changes in the working plan anticipate speedier harvesting processes, fruit treatment and packaging, including more flexible time periods for handling the fruit, which, according to Martins, could gradually increase sales to the American market.

As 12 mais

MANGA

Mangoes

País ocupa o sexto lugar no ranking dos maiores exportadores de mangas

Mantendo a escrita

DIMINUIÇÃO NO PLANTIO DE MANGA NAS ÚLTIMAS SAFRAS NÃO TIRA A FORÇA DA PRODUÇÃO BRASILEIRA DA FRUTA, QUE PERMANECE ENTRE AS MAIORES DO MUNDO

Embora a produção nacional de mangas venha caindo desde 2010, quando foram produzidas 1.189.651 toneladas, o Brasil ainda figura entre os maiores produtores da fruta. Hoje, segundo dados da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO), o País está em sétimo lugar no *ranking* dos grandes produtores de manga do mundo. Em 2015, no último levantamento consolidado do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), foram cultivados 64.305 hectares no território nacional, com colheita de 976.815 toneladas e produtividade média de 15.190 quilos por hectare.

Conforme o pesquisador João Ricardo

Ferreira de Lima, da Embrapa Semiárido, de Petrolina (PE), a manga está presente em quase todos os estados. Em 2015, os maiores produtores foram Bahia, com 279.680 toneladas; Pernambuco, com 239.423 toneladas; e São Paulo, com 184.042 toneladas. O Nordeste brasileiro figura entre os mais tradicionais no setor, com 45.142 hectares colhidos naquele ano, assim como o Sudeste, que colheu área de 17.896 hectares. O Sul chegou à marca de 626 hectares, o Centro-Oeste, 325; e o Norte, 316 hectares.

Lima ressalta que as projeções para 2017 não demonstram retomada no crescimento. “A expectativa é de estagnação da produção, ou até de recuo, devido a questões climáticas. As principais áreas produtoras de Pernambuco e da Bahia podem sofrer com desabastecimento de água para irrigação até o final do ano, o que afetaria diretamente a produtividade das plantas”, explica. Caso a produção nordestina caia, o especialista acredita que o mercado interno tende a receber mangas de pior qualidade e mais caras, uma vez que as melhores frutas seriam destinadas à exportação.

“O momento é de cautela. Apenas no

meio do ano ficará mais claro o que ocorrerá no segundo semestre, quando chega a grande parte da safra de manga do Nordeste”, frisa. Outra apreensão dos agricultores, conforme Lima, são as dificuldades de comercialização da fruta, que apresenta grande flutuação de preços no mercado. Em uma semana, o produtor pode ter superlucro com sua produção, mas poucos dias depois amargar prejuízo com inesperada retração. Por outro lado, a manutenção das demandas, inclusive por parte dos países importadores, é comemorada pelo segmento.

Apesar do pequeno recuo nos últimos dois anos, Brasil é o sexto maior exportador mundial de manga. Embarcou 156.337 toneladas em 2015, com movimentação de US\$ 184.342.375 milhões. Em 2016, foram exportadas 154.211 toneladas (-1,36%), com negócios na ordem de US\$ 179.932.100 milhões (-2,39%). “A qualidade da manga brasileira exportada é considerada alta nos mercados internacionais”, pondera Lima. Hoje, os maiores compradores da fruta nacional são a União Europeia e os Estados Unidos.

■ ■ ■ *Fronteira ampliada*

Em dezembro de 2016, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) anunciou a abertura de um novo mercado para a manga. A Coreia do Sul, um dos países mais exigentes em relação à sanidade e à qualidade dos alimentos, é o mais recente destino da fruta nacional. A parceria co-

mercial com os sul-coreanos irá fomentar as exportações e beneficiar em especial o Vale do São Francisco, que concentra o maior polo produtor de frutas irrigadas do País – em torno de 85% das mangas exportadas pelo Brasil saem da região, que abrange Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas.

Setting the record straight

DECREASE IN AREA DEVOTED TO MANGO TREES OVER THE PAST GROWING SEASONS DOES NOT AFFECT THE STRENGTH OF THE BRAZILIAN CROP OF THE FRUIT, STILL ONE OF THE BIGGEST IN THE WORLD

Though the national production of mangoes has been dropping since 2010, when 1,189,651 tons were produced, Brazil is still one of the

biggest producers of the fruit. Now, according to data from the Food and Agriculture Organization of the United Nations (FAO), the Country ranks as seventh biggest mango producer in the world.

In 2015, at the last consolidated survey conducted by the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE), 64,305 hectares were devoted to the fruit in the national territory, reaching a harvest of 976,815 tons and average productivity of 15,190 kilograms per hectare.

According to researcher João Ricardo Ferreira de Lima, from Embrapa Semiárid, in Petrolina (PE), mangoes are present almost in all states. In 2015, the biggest

producers were Bahia, with 279,680 tons; Pernambuco, with 239,423 tons; and São Paulo, with 184,042 tons. The Northeast of Brazil is one of the most traditional producers of the fruit, with 45,142 hectares harvested on that year, just like the Southeast, where 17,896 hectares were harvested. The South contributed with 626 hectares, the Center-West, with 325; and the North, with 316 hectares.

Lima emphasizes that the projections for 2017 do not point to any resumption of growth. “The expectation is for production stagnation, or even for a smaller crop, due to weather conditions. The main producing areas in Pernambuco and Bahia could suffer from water shortages in their irrigation systems until the end of the year, which would directly affect productivity”, he explains. Should the crop in the Northeast drop, the spe-

cialist believes that the domestic market will be supplied with poor quality mangoes, and more expensive, once the best fruits would be destined for exportation.

“The moment requires caution. Only at mid-year we will know what may occur in the second half of the year, when the bulk of the northeastern mango crop reaches the market”, he says. Another apprehension of the farmers, according to Lima, are the difficulties in trading the fruit, whose prices normally fluctuate a lot in the market. In one week, farmers could make hefty profits with their production, but a few days later they have to endure losses stemming from unexpected sales stagnation.

On the other hand, the uninterrupted orders, even from importing countries, are commemorated by the sector.

Even though the crop receded a little over the past two years, Brazil is the sixth biggest global exporter of mangoes. Shipments amounted to 156,337 tons in 2015, representing revenue of US\$ 184,342,375 million. In 2016, exports reached 154,211 tons (-1.36%), with businesses reaching about US\$ 179,932,100 million (-2.39%). “The quality of the Brazilian mangoes, shipped abroad, is considered very high in the international marketplace”, Lima ponders. Now, the leading buyers of the fruit are the European Union countries and the United States.



Silvio Ávila

FARTURA Abundance

Produção brasileira de mangas (2015)

UNIDADE	ÁREA COLHIDA (hectares)	PRODUÇÃO (toneladas)	RENDIMENTO MÉDIO (quilos por hectare)	VALOR DA PRODUÇÃO (mil reais)
Brasil	64.305	976.815	15.190	841.125
Norte	316	2.293	7.256	1.157
Nordeste	45.142	654.493	14.499	529.608
Sudeste	17.896	307.455	17.180	294.012
Sul	626	8.009	12.794	11.063
Centro-Oeste	325	4.565	14.046	5.288

Fonte: SIDRA/IBGE

TIPO EXPORTAÇÃO

ANO	2016		2015		VARIÇÃO	
	Valor (US\$)	Peso (Kg)	Valor (US\$)	Peso (Kg)	Valor (US\$)	Peso (Kg)
Mangas	179.932.100	154.211.079	184.342.375	156.337.273	-2,39%	-1,36%

Fonte: Agrostat/Mapa Elaboração: SRI/CNA e Abrafrutas

Expanded frontier

In December 2016, the Ministry of Agriculture, Livestock and Food Supply (Mapa) announced a new market for our mangoes. South Korea, one of the most discerning countries as far as food safety and quality go, is the most recent destination for the national fruit. The commercial partnership with South Ko-

rea will promote exports and, in particular, benefit the Vale do São Francisco region, which is the biggest irrigated fruit producing hub in the Country – about 85% of the mangoes exported by Brazil are from this region, which comprises Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Sergipe and Alagoas.

Country ranks as sixth biggest exporter of mangoes

As 12 mais

MELANCIA

Watermelon

País obteve US\$ 31,4 bilhões com os embarques de melancias em 2016

Fatias do mercado

COM PRODUÇÃO SUPERIOR A 2,1 MILHÕES DE TONELADAS, MELANCIA É UMA DAS FRUTAS MAIS EXPORTADAS PELO BRASIL, MOVIMENTANDO BILHÕES TODOS OS ANOS

Os números consolidados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que a safra brasileira de melancia mantém-se estável. Entre 2014 e 2015, a área produtiva aumentou pouco mais de 1,5 mil hectares no País, saltando de 94.375 hectares para 95.965 hectares de área colhida. A produção das lavouras registrou decréscimo, passando de 2.171.448 toneladas em 2014 para 2.119.559 toneladas no ano seguinte.

A mesma tendência se viu na produtividade, que caiu de 23 mil quilos por hectare para cerca de 22 mil quilos por hectare em 2015, ano em que o valor da produ-

ção atingiu R\$ 1,2 bilhão no Brasil. Entre os maiores estados produtores, o Rio Grande do Sul seguia na vanguarda em área colhida, chegando à marca de 17.701 hectares em 2015, de acordo com o balanço da Produção Agrícola Municipal (PAM/IBGE).

Na sequência estão Bahia, com 12.561 hectares, e Tocantins, com 9.395 hectares. Embora Goiás apareça apenas na quinta colocação, com 6.757 hectares cultivados com a fruta (atrás de São Paulo, com 8.909 hectares), em 2015 o Estado detinha a segunda maior produção e a maior produtividade. Na época, atingiu colheita de 246.950 toneladas, perdendo apenas para o Rio Grande do Sul, que colheu 364.775 toneladas.

O rendimento das lavouras goianas foi de 36.547 quilos por hectare naquele ano, muito superior à média nacional e à dos demais estados. São Paulo, com 27.019 quilos por hectare, e Tocantins, com 20.931 quilos por hectare, também se salientam. Embora tivessem a maior área plantada em 2015 e a maior produção, os gaúchos aparecem apenas em quarto lugar no ranking da produ-

tividade, com 20.608 quilos por hectare.

Hoje, a melancia é uma das frutas de maior representatividade no Brasil, em especial quando o assunto é exportação. Na tabela elaborada pela Associação Brasileira dos Produtores Exportadores de Frutas e Derivados (Abrafrutas), a partir dos dados do setor de Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro (Agrosstat), do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), a fruta é a sétima mais exportada, atrás de mamões, conservas e preparações de sucos, uvas, limões e limas, melões e mangas.

Em 2016, o País movimentou US\$ 31,4 bilhões com os embarques de melancia. Ao total, 67.437.489 quilos foram enviados para os compradores internacionais, em especial para Países Baixos, Reino Unido, Argentina e Espanha. No comparativo com 2015, a variação das exportações de melancia é bastante positiva, saltando 16,38% em valor e 22,72% em peso. Naquele ano, o Brasil movimentou em torno de US\$ 27 bilhões com a venda de 54.953.858 quilos para o mercado externo.

Fonte de renda

A produção de melancia está nas raízes da família do agricultor João Moreira Rodrigues Neto, 45 anos, que cultiva a fruta no interior de Uruana, na região central de Goiás. Há 25 anos na cadeia produtiva, é um dos maiores investidores do Vale do São Patrício, que concentra em torno de 300 produtores de melancia no cultivo de 6 mil hectares ao ano. Hoje, parte da produção colhida por Neto na área de 100 hectares é destinada à exportação, enviada para países como Argentina, Uruguai e Paraguai.

Ao lado da esposa Flávia Daniela, conduz com orgulho suas lavouras, onde a colheita acontece de abril a outubro. “Consigno média de 50 toneladas por hectare utilizando híbrido de qualidade e mecanização”, conta. Na região, garante que os produtores detêm uma das tecnologias mais avançadas do Brasil. Na hora da colheita, no entanto, o processo é essencialmente manual, agregando empregos e renda. Em sua propriedade, Neto diversifica com abóbora e pecuária, mas é a melancia que garante o sustento e a educação de seus três filhos.

Market shares

WITH A PRODUCTION IN EXCESS OF 2.1 MILLION TONS, THE WATERMELON IS ONE OF THE MOST EXPORTED FRUIT BY BRAZIL, INVOLVING BILLIONS EVERY YEAR

Figures released by the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE) point to a stable watermelon crop in Brazil. From 2014 to 2015, the planted area soared upwards of 1.5 thousand hectares

in the Country, jumping from 94,375 hectares to 95,965 hectares. Production in the fields dropped from 2,171,448 tons in 2014 to 2,119,559 tons the following year.

The same trend was detected in productivity, which fell from 23 kilograms

per hectare to about 22 kilograms, in 2015, year in which the value of the crop reached R\$ 1.2 billion in Brazil. Among the biggest producers, the State of Rio Grande do Sul continued on the top in harvested area, with 17,701 hectares in 2015, according to the balance of the Municipal Agricultural Production (PAN/IBGE) department.

The following states come in the sequence: Bahia, with 12,561 hectares, and Tocantins, with 9,395 hectares. Although Goiás ranks fifth, with 6,757 hectares devoted to the fruit (after São Paulo, with 8,909 hectares), in 2015 the State ranked as second biggest producer and leader in productivity. Back then, the State harvested

246,950 tons, coming only after Rio Grande do Sul, with a crop of 364,775 tons.

The performance of the fields in Goiás was 36,547 kilograms per hectare at that year, much above the national average and the average of the other states. São Paulo, with 27,019 kilograms per hectare, and Tocantins, with 20,931 kilograms per hectare, are also of note. Although having the biggest planted area in 2015 and the biggest production, the farmers in Rio Grande do Sul rank as fourth in productivity, with 20,608 kilograms per hectare.

Now, the watermelon is one of the most representative fruit in Brazil, especially when it comes to exports. At the table devised by the Brazilian Fruit Growers

and Exporters Association (Abrafrutas), based on data from Foreign Trade Statistics of Brazilian Agribusiness (Agrostat), of the Ministry of Agriculture, Livestock and Food Supply (Mapa), the fruit ranks as seventh most exported, coming after papayas, preserves, juice preparations, grapes, lemons, limes, melons and mangoes.

In 2016, the Country raked in US\$ 31.4 billion from watermelon shipments. In

all, 67,437,489 kilograms were shipped to the international buyers, especially to the Netherlands, United Kingdom, Argentina and Spain. In comparison with 2015, the watermelon export variation sounds quite positive, jumping from 16.38% in value and 22.72% in weight. That year, Brazil raked in about US\$ 27 billion from the shipment of 54,953,858 kilograms to the foreign market.

VERDE E VERMELHO

Green and red

Produção nacional de melancia

ANO	ÁREA COLHIDA (hectares)	PRODUÇÃO (toneladas)	RENDIMENTO (quilos por hectare)	VALOR DA PRODUÇÃO (mil reais)
2014	94.375	2.171.448	23.009	1.241.537
2015	95.965	2.119.559	22.087	1.233.944

MAIORES ESTADOS PRODUTORES (2015)

ESTADO	ÁREA COLHIDA (em hectares)	PRODUÇÃO (toneladas)
Rio Grande do Sul	17.701	364.775
Bahia	12.561	244.982
Tocantins	9.395	196.651
São Paulo	8.909	240.716
Goiás	6.757	246.950

Fonte: PAN/IBGE

EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE MELANCIAS

ANO	2015		2016		VARIÇÃO	
	Valor (US\$)	Peso (Kg)	Valor (US\$)	Peso (Kg)	Valor	Peso
Melancias	27.059.394	54.953.858	31.491.045	67.437.489	16,38%	22,72%

Fonte: Agrostat/Mapa Elaboração: SRI/CNA e Abrafrutas

Source of income

The production of watermelons has always been the major occupation of family farmer João Moreira Rodrigues Neto, 45 years old, who cultivates the fruit in the interior of Uruana, in the central region of Goiás. A member of the supply chain for 25 years, Neto is one of the leading investors in Vale do São Patrício, which comprises about 300 watermelon producers who devote 6 thousand hectares to the crop every year. Now, part of the production harvested by Neto from an area of 100 hectares is destined for the foreign market, and is shipped to countries like Argentina, Uru-

guay and Paraguay.

With his wife Flávia Daniela, he runs with pride his fields, where harvest takes place from April to October. "We manage to harvest 50 tons per hectare, with quality hybrids and mechanization", he says. In the region where he grows his crop, he is sure that the farmers use the most advanced technologies in Brazil. At harvest, however, the process is entirely manual, generating jobs and income. On his farm, Neto also diversifies with pumpkins and livestock, but the watermelons sustain his family and the education of their three children.

Country raked in US\$ 31.4 billion from watermelon shipments in 2016



As 12 mais

MELÃO

Melon



O plantio ocupa 20 mil hectares no País, e a safra é de 500 mil toneladas

Sonhos no horizonte

A ABERTURA DE NOVOS MERCADOS COMPRADORES NO EXTERIOR PARA O MELÃO NACIONAL TEM IMPULSIONADO O CRESCIMENTO REGULAR DA PRODUÇÃO NO BRASIL

A produção brasileira de melões não para sua caminhada de crescimento. Mesmo que no passado os avanços tenham sido mais representativos, nas últimas safras a cadeia produtiva estima ampliação de cerca de 10% ao ano. Isso representa em torno de 2 mil novos hectares anuais. Atualmente, segundo dados da Associação Brasileira dos Produtores e Exportadores de Frutas e Derivados (Abrafrutas), o plantio nacional da fruta é de 20 mil hectares, perfazendo produção de 500 mil toneladas.

Conforme o presidente da entidade, Luiz Roberto Barcelos, o cultivo de melão concentra-se sobretudo no Nordeste, em especial da Chapada do Apodi, que fica na divisa dos estados do Rio Grande do Norte e do Ceará, embora também haja produção em Pernambuco e na Bahia. O Estado que mais produz no Brasil é o Rio Grande do Norte, com 250 mil toneladas, seguido do Ceará, com 200 mil toneladas. “Esses dois estados são responsáveis por 90% da produção brasileira”, explica.

Para manter os números positivos, o diretor institucional da Agrícola Famosa e diretor-presidente do Comitê Executivo de Fruticultura do Rio Grande do Norte (Coex) destaca que o setor tem lutado contra a escassez de água. “Estamos passando por cinco anos de chuvas bem abaixo da média. E como a fonte de água são os recursos hídricos provenientes de poços subterrâneos, esses vêm sofrendo rebaixamento constante e está havendo concentração maior de sal”, pondera Barcelos.

Em contrapartida, são diversas as con-

quistas a serem comemoradas por produtores e exportadores. A primeira delas é a abertura de novos mercados para exportação, como Argentina, Chile, Japão e Vietnã. Os embarques para a China também devem se tornar realidade em breve. A ampliação da área livre da *Anastrepha grandis*, única praga quarentenária do melão, igualmente é comemorada. Essa zona, monitorada pelo Coex e reconhecida em âmbito internacional, antes era restrita apenas a alguns municípios.

O dirigente aponta que outra grande vitória é o registro de vários defensivos por parte da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) e do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama). “Com esses registros, novos defensivos, mais modernos, com menos toxicidade e mais seletivos, poderão ser utilizados pelos produtores, garantindo maior produtividade, menor custo e uma fruta mais saudável.”

Comemorando o superávit

A produção de melão no Brasil é mais do que suficiente para abastecer o consumo interno. Hoje, praticamente metade da colheita é destinada para exportação, enquanto a outra metade é consumida pelos brasileiros. Na última safra, segundo o presidente da Associação Brasileira dos Produtores e Exportadores de Frutas e Derivados (Abrafrutas), Luiz Roberto Barcelos, foram embarcadas 250 mil toneladas da fruta, que movimentaram US\$ 210 milhões. “Esses números fazem do melão a segunda fruta mais exportada pelo Brasil

em valor e a primeira em volume”, pondera.

Em torno de 80% das exportações são direcionadas à Comunidade Europeia, mais especificamente a Reino Unido, Holanda e Espanha. A expectativa é de que, à medida em que novos mercados forem sendo abertos para os melões brasileiros, o avanço da atividade produtiva seja ainda maior. Para 2017, considerando apenas os mercados em que o setor já atua, a projeção de crescimento é de cerca de 5% para atender à expansão orgânica da demanda, no País e além fronteiras.



Silvio Ávila

Dreams on the horizon

The crop occupies 20 thousand hectares and reaches 500 thousand tons

OPENING NEW MARKETS ABROAD FOR BRAZILIAN MELONS HAS BEEN THE DRIVING FORCE BEHIND REGULAR INCREASES IN PRODUCTION IN THE COUNTRY

Melon production in Brazil has been rising all the time. While advances in the past may have been more representative, the supply chain estimates a 10-percent increase a year over the past growing seasons. This represents about 2 thousand hectares a year. Currently, according to sources from the Brazilian Fruit Growers and Exporters Association (Abrafrutas), 20 thousand hectares are de-

voted to the crop in the Country, and production reaches 500 thousand tons.

According to the president of the entity, Luiz Roberto Barcelos, the production of melons is mainly concentrated in the Northeast, particularly in Chapada do Rio Apodi, at the borders between the States of Rio Grande do Norte and Ceará, but there is also some production in Pernambuco and Bahia. The leading producer in Brazil is the State of Rio Grande do Norte, with 250 thousand tons, followed by Ceará, with 200 thousand tons. “These two States account

for 90% of the total amount of lemons produced in Brazil”, he explains.

In order to keep the numbers positive, the institutional director at Agrícola Famosa and director president of the Rio Grande do Norte State Executive Fruticulture Committee (Coex) says that the sector has been facing water shortages. “We are going through five years of below average rainfalls. As the water comes from underground wells, there is a problem of soaring salt concentration in the water that is drilled from ever deeper wells”, Barcelos comments.

AMARELINHO <i>Yellow</i>						
Exportações brasileiras de melões frescos (2016)						
ANO	2015		2016		VARIACÃO	
	Valor (US\$)	Peso (Kg)	Valor (US\$)	Peso (Kg)	Valor	Peso
Melões	154.298.760	223.746.193	148.741.470	224.688.423	-3,60%	0,42%

Fonte: Agrostat/Mapa Elaboração: SRI/CNA - Abrafrutas

On the other hand, a big number of conquests are celebrated by producers and exporters. The first of them is the opening of new markets for exports, like Argentina, Chile, Japan and Vietnam. Shipments to China should soon become a reality. The expansion of area free of *Anastrepha Grandis*, the only quarantine

pest of the melon, is equally commemorated. This zone, monitored by Coex and internationally acknowledged, used to surface only in some municipalities.

The official has it that another relevant conquest is the register of several pesticides in the National Sanitary Surveillance Agency (Anvisa), of the Ministry

of Agriculture, Livestock and Food Supply (Mapa) and of the Brazilian Institute of the Environment and Renewable Natural Resources (Ibama). “With these registers, new pesticides, more modern, less toxic and more selective, can be used by the farmers, ensuring higher productivity, smaller cost and healthier fruit”.

■ ■ ■ Celebrating surpluses

The production of melons in Brazil is more than enough for supplying the domestic market. Now, practically half of the production is destined for export, while the other half is consumed by the Brazilian people. In the past crop year, according to the president of the Brazilian Fruit Growers and Exporters Association (Abrafrutas), Luiz Roberto Barcelos, 250 thousand tons of melons were shipped abroad, raking in US\$ 210 million. “These numbers show that the lemon is the second most exported fruit by Brazil in value, but is the

first in volume”, he ponders.

About 80% of the exports are destined for the European Community, more precisely to the United Kingdom, Holland and Spain. The expectation is, as new markets are opened for Brazilian melons, the supply chain will make additional strides in production. For 2017, taking into consideration only the markets where the sector operates, projections point to a five-percent growth in order to meet the organic expansion of the demand at home and abroad.

As 12 mais

UVA

Grapes

Produção chegou a 987.059 toneladas em 2016, 34% abaixo da safra de 2015

O perigo veio do céu

APESAR DO INCREMENTO DA ÁREA CULTIVADA NO BRASIL EM 2016, PRODUÇÃO DOS PARREIRAIS TEVE QUEDA SIGNIFICATIVA EM FUNÇÃO DE PROBLEMAS CLIMÁTICOS

O Brasil teve incremento na área cultivada de uva em 2016, crescendo 0,68% em relação ao ano anterior. Balanço da Embrapa Uva e Vinho aponta que as videiras ocuparam 78.553 hectares na safra. No Rio Grande do Sul, que concentra mais de 60% da área vitícola nacional, o aumento foi de 0,61% na área cultivada, atingindo a marca de 50.044 hectares. No restante da região Sul também houve avan-

ço das videiras, mas foi no Sudeste e no Vale do São Francisco que ocorreram as maiores ampliações, chegando a 6,43% em Minas Gerais e 4,83% em Pernambuco.

Conforme a pesquisadora Loiva Maria Ribeiro de Mello, da Embrapa Uva e Vinho, de Bento Gonçalves (RS), apesar do incremento de área, a produção foi menor. Em todo o território nacional, chegou a 987.059 toneladas, 34,08% abaixo da de 2015. “A produção de uvas da região Sul, que representa mais de 75% da área vitícola do País, foi atípica em 2016”, constata. As retrações chegaram a 52,79% e 51,03% nas lavouras gaúchas e catarinenses, respectivamente. “A redução foi motivada por um conjunto de fatores decorrentes das condições climáticas adversas”, enfatiza.

A especialista destaca que os problemas com o clima, sobretudo no Rio Grande do Sul, também interferiram na produção de uvas destinadas ao processamento (vi-

nhos, sucos e derivados). O volume chegou a 345.623 milhões de quilos de uvas, representando apenas 35,02% da produção nacional. “O restante da produção, de 65,98%, foi destinado ao consumo *in natura*”, explica. Nos anos anteriores, as frutas destinadas para a indústria chegaram a 673.422 toneladas em 2014 e 781.412 toneladas em 2015.

Apesar das adversidades climáticas e econômicas, Loiva acredita que o desempenho do setor vinícola foi bom em 2016. “Com a severa redução na produção de uvas, as empresas valeram-se dos estoques dos anos anteriores para evitar o desabastecimento”, frisa. “No entanto, os baixos estoques existentes atualmente podem se refletir de forma negativa na comercialização dos próximos anos, caso ocorra nova redução na produção de uvas”. Ela lembra que o mercado do setor foi regulado também com o aumento dos preços da matéria-prima e dos produtos elaborados.

■ ■ ■ Queda nos embarques

Os embarques brasileiros do setor vitivinícola em 2016 somaram US\$ 77,37 milhões, 5,43% abaixo do registrado em 2015, que já havia sido 8,32% inferior ao realizado em 2014. “Dentre os produtos, somente a uva de mesa apresentou decréscimo nas exportações, de 10,39% na quantidade e de 9,75% no valor obtido. Os demais itens apresentaram aumento, tanto em quantidade quanto em valor”, aponta a pesquisadora Loiva Maria Ribeiro de Mello. O suco de uvas teve incremento de 7,62% na quantidade exportada e 18,04% no valor. Os vinhos, por sua vez, registraram incremento de 42,5% na quantidade e de 52,94% no valor das exportações.

O balanço do setor vitivinícola em 2016 apresentou déficit de US\$ 292.923 milhões, valor 2,61% inferior ao verificado em 2015. “Tanto as importações quanto as exportações sofreram redução na soma dos valores transacionados em 2016. No entanto, as exportações sofreram redução mais forte do que as importações.” Loiva pondera que, em específico para o caso da uva de mesa, o preço médio obtido pelo produto nacional foi superior ao pago pela uva importada. O valor obtido pelas exportações da fruta aumentou, passando de US\$ 2,10 por quilo em 2015 para US\$ 2,12 por quilo em 2016. O preço médio pago pelas importações também aumentou, passando de US\$ 1,57 para US\$ 1,65 por quilo.

The danger came from the **sky**

DESPITE THE INCREASE IN PLANTED AREA IN BRAZIL IN 2016, VINEYARD PRODUCTION DROPPED CONSIDERABLY BECAUSE OF BAD WEATHER CONDITIONS

Brazil devoted a bigger area to grapes in 2016, up 0.68% from the previous year. Survey by Embrapa Grape and Wine concludes that grapes occupied an area of 78,553 hectares in the growing season. In Rio Grande do Sul, where 60% of the

vineyards are located, there was an increase of 0.61% in planted area, totaling 50,044 hectares. In the remaining part of the southern region there was also an increase in the vineyards, but it was in the Southeast and in Vale do São Francisco that the biggest area expansions occurred, reaching 6.43% in

Minas Gerais and 4.83% in Pernambuco.

According to researcher Loiva Maria Ribeiro de Mello, from Embrapa Grape and Wine, in Bento Gonçalves (RS), in spite of the bigger area, the volume of the crop was smaller. In the entire national territory, it amounted to 987,059 tons, down 34.08% from 2015. “The production of grapes in the South, which represents upwards of 75% of the area devoted to vineyards in the Country, was atypical in 2016”, he comments. Reductions reached 52.79% and 51.03% in the fields in Rio Grande do Sul and Santa Catarina, respectively. “The blame for the smaller crop goes to a series of factors stemming from the adverse weather conditions”, he insists.

The specialist mentions that the problems with the climate, especially in Rio Grande do Sul, also interfered with the grapes destined for processing (wines, juices and derivatives). The volume amounted to 345,623 million ki-

lograms of grapes, representing only 35.02% of the national production. “The remaining part of the production, 65.98%, was destined for fresh consumption”, he explains. In previous years, the fruits destined for the industry amounted to 673,422 tons in 2014 and 781,412 tons in 2015.

In spite of the economic and climate related adversities, Loiva has it that the performance of the winegrowing sector was good in 2016. “With the sharp reduction in the production of grapes, the companies resorted to the stocks from the previous years to avoid supply shortages”, she comments. “However, the low stocks currently existing could have negative reflections on commercialization over the next years, should there be a new reduction in the size of the grape crop”. She recalls that the market of the sector was also regulated through higher prices of the raw material and of grape-based products.

NAS VIDEIRAS <i>In the vineyards</i>			
Produção nacional de uvas (toneladas)			
ESTADO	2014	2015	2016
Rio Grande do Sul	812.517	876.215	413.640
Pernambuco	236.719	237.367	242.967
São Paulo	153.822	142.631	144.110
Paraná	78.979	69.035	66.000
Bahia	77.504	77.408	62.740
Santa Catarina	68.743	69.118	33.849
Minas Gerais	11.557	12.615	11.224
Paraíba	4.036	2.196	2.636
Goiás	3.524	4.008	2.566
Espírito Santo	2.226	2.327	2.469
Outros	4.556	4.382	4.858
TOTAL	1.454.183	1.497.302	987.059

Fonte: IBGE. Elaboração: Embrapa Uva e Vinho.

Decline in shipments

The Brazilian shipments of the vitiviniculture sector amounted to US\$ 77.37 million in 2016, down 5.43% from the shipments in 2015, which was down 8.32% from the exports in 2014. “Among the products, only table grapes suffered decreases in exports, 10.39% in quantity and 9.75% in revenue. Exports of all other items increased in quantity and value”, says researcher Loiva Maria Ribeiro de Mello. Shipments of grape juice soared 7.62% in quantity and 18.04% in value. Wine exports, in turn, registered an increase of 42.5% in quantity and 52.94% in revenue.

The result of the vitiviniculture sector in 2016 showed a deficit of US\$ 292,923 million, down 2.61% from 2015. “Both imports and exports suffered a reduction in the sum of the values traded in 2016. However, reductions in exports outstripped reductions in imports”. Loiva ponders that, specifically for the case of table grapes, the average price fetched by the national grapes outstripped the price of imported grapes. The value fetched by grape exports went up from US\$ 2.10 per kilogram in 2015 to US\$ 2.12 per kilogram in 2016. Average prices paid for imported grapes also soared from US\$ 1.57 to US\$1.65 per kilogram.

ALÉM FRONTEIRAS <i>Beyond frontiers</i>						
Exportação brasileira de uvas, sucos, vinhos e derivados						
Valores em US\$ 1.000,00 (FOB)						
DISCRIMINAÇÃO	2014		2015		2016	
	Quant.	Valor	Quant.	Valor	Quant.	Valor
EXPORTAÇÕES						
Uvas frescas (toneladas)	28.348	66.791	34.385	72.307	30.813	65.255
Suco de uva (toneladas)	4.953	12.866	2.610	5.866	2.809	6.924
Vinhos (1.000 litros)	2.324	7.473	1.254	2.926	1.787	4.475
Espumante (1.000 litros)	452	2.109	145	712	174	712
TOTAL	89.239		81.811		77.366	

Fonte: MDIC. Elaboração: Embrapa Uva e Vinho.

Production reached 987,059 tons in 2016, down 34% from 2015



Além do consolidado polo de Mossoró e Açu, as frutas agora chegam a Apodi

O grande do Norte

MAIOR PRODUTOR E EXPORTADOR DE MELÃO DO BRASIL, RIO GRANDE DO NORTE VÊ CRESCER A ATIVIDADE FRUTÍCOLA COM INVESTIMENTOS EM NOVO POLO DE CULTIVO

O Nordeste brasileiro encontrou-se há pelo menos duas décadas com sua vocação de produzir frutas de alta qualidade, à medida em que os avanços das tecnologias de irrigação e de manejo permitiram superar a limitação do déficit hídrico. Microclimas e solos adequados, tecnologias disponíveis e produtores entusiasmados proporcionaram um panorama de desenvolvimento de polos frutícolas promissores, que hoje estão consolidados e em expansão. Entre estes, nos últimos anos ganhou especial atenção o Rio Grande do Norte, referência brasileira – e uma das referências mundiais – na produção de melão.

O sucesso alcançado com o melão atraiu a produção de outras frutas, como mamão, manga, melancia e abacaxi, para

os vales de Mossoró e de Açu, consolidou uma das principais feiras de fruticultura do Brasil, a Expofruit, e agora permite vislumbrar o avanço dos cultivos para a Chapada do Apodi, extensão de terras que começa a despertar interesse pela produção de uvas, maracujá e frutas cítricas, mais adaptadas às condições de solo, altitude e clima.

O Rio Grande do Norte é uma das áreas de maior dinamismo no campo da produção de frutas tropicais irrigadas, graças à modernização tecnológica, a mais de 300 dias de sol ao longo do ano, e às características edafoclimáticas. Mossoró tornou-se centro de logística e industrial, a ponto de embarcar cargas aéreas semanais para a Europa e os Estados Unidos, aproveitando janelas de entressafra de outros grandes produtores mundiais de frutas. O polo Açu/Mossoró, no nordeste potiguar, tem quase 7 mil quilômetros quadrados e população próxima de 400 mil habitantes.

A modernização no setor é caracterizada pelos índices elevados de produção e produtividade. Apesar da diversificação, com frutas como a manga e a banana, o melão é o grande responsável pelos bons índices de exportação, fazendo do Estado o maior produtor e o maior exportador do País nesta fruta. Nas

lavouras de maior tecnologia, a área cultivada em 2016 chegou a 12 mil hectares. O sucesso potiguar atraiu investidores de estados vizinhos, caso dos cearenses da Itaueira, que assumiu parte da área deixada pela Del Monte em Ipanguaçu, no Vale do Açu. Os 400 hectares cultivados a partir de agosto de 2016, em investimento de R\$ 8 milhões, geraram 600 empregos e 550 contêineres de frutas exportadas via porto de Natal.

“Além das características de solo, a consolidação do polo potiguar e da logística atrai novos investimentos. Vamos crescer ainda mais”, diz Guilherme Saldanha, secretário da Agricultura, Pecuária e Pesca do Rio Grande do Norte.

Franco Marinho, gestor do projeto de Fruticultura e Agroindústria do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) potiguar, aposta na boa reserva de água, no clima semiárido, nos baixos índices de umidade e no volume pluviométrico para o incremento da fronteira agrícola do polo de Apodi visando a produção de frutas frescas. “Já são cerca de 800 produtores, e a tendência é crescer”, explica. A área irrigada pode chegar a 8 mil quilômetros. “O caminho é longo, mas estamos andando a passos largos para um futuro muito promissor”, arremata.

■ ■ ■ Mundo afora

Mesmo enfrentando uma seca considerável, capaz de reduzir áreas de produção, o Rio Grande do Norte conseguiu registrar crescimento de 18% nas exportações de frutas em 2016, alcançando US\$ 110 milhões de faturamento com os embarques de melão, mamão, manga e melancia. Foi um crescimento acima da expectativa, baseado na maior produtividade obtida com a introdução de novas tecnologias, e o comportamento cambial. O crescimento na produção de frutas de qualidade também se deve à chegada de tradicionais empresas de produção e exportação do Ceará (no caso do melão) e do Espírito Santo (mamão). O déficit hídrico nestes estados favoreceu a concentração produtiva em terras potiguares.

O presidente da Associação Brasileira dos Produtores e Exportadores de Frutas (Abrafrutas), Luiz Roberto Barcelos, acredita que ao longo de 2017 o setor deverá crescer pelo menos 10%. Para isso, aposta no ingresso do melão potiguar no mercado chinês e na valorização da fruta em dólar no final do primeiro semestre. A área cultivada também tende a crescer 10% na região, pois há expectativa de melhora na economia e, portanto, no consumo nacional.

Em 2016, só nas exportações de melão, o Rio Grande do Norte faturou US\$ 75,3 milhões. O aumento das vendas externas foi uma estratégia para enfrentar um mercado interno que sofreu os reflexos da crise econômica e política.

The big North

LEADING PRODUCER AND EXPORTER OF MELONS IN BRAZIL, RIO GRANDE DO NORTE IS WITNESSING THE GROWTH OF ITS FRUIT FARMING BUSINESS WITH INVESTMENTS IN A NEW PRODUCTION HUB

Some two decades ago, the Brazilian Northeast came to grips with its capacity to produce quality fruit, as advances in technology, irrigation systems and management practices made it possible to surmount the water shortages. Appropriate micro climate and soils, available technologies and satisfied growers provided for a development panorama in the promising fruit producing hubs, which have now been consolidated and expanded. Among them, over the past years the State of Rio Grande do Norte stood out as a Brazilian reference – and equally as global reference – in the production of melons.

The success achieved with melons attracted other fruits to the locality, like papayas, mangoes, watermelons and pineapples, more specifically to the Mossoró and Açu val-

leys, and consolidated one of the main fruit fairs in Brazil, known as Expofruit, and now cultivations are making their way to Chapada do Apodi, extension of land now capturing attention to the production of grapes, passion fruit and citrus fruit, well adapted to its soil, altitude and climate conditions.

Rio Grande do Norte is one of the areas that boasts great dynamism in the area of tropical and irrigated fruit production, thanks to modern technologies, to more than 300 days of sunshine throughout the year and its edaphoclimatic conditions. Mossoró has become an industrial and logistic center, with fruit cargoes shipped by air to Europe and the United States, taking advantage of off-season windows of other relevant global fruit producers. The Açu/Mossoró hub, in the northeastern region in Rio Grande do Norte, covers almost 7 thousand square meters, and has a population of approximately 400 thousand people.

The modernization of the sector is characterized by the high levels of production and productivity. Despite diversification efforts, with fruit like mangoes and bananas, melons are the real players and responsible for the huge exports, turning the State into the biggest producer and exporter during this season. In the high technology fields, the area cultivated in 2016 reached 12 thousand hect-

ares. The success of the State attracted investors from neighboring States, which is the case of the farmers in Itauaieira, who assumed part of the area abandoned by Del Monte in Ipanguaçu, in Vale do Açu. The 400 hectares under cultivation since August 2016, and investment of R\$ 8 million, generated 600 jobs and 550 containers of fruit exported via Natal port.

“Besides the soil characteristics, the consolidation of the hub in Rio Grande do Norte and the logistic hub attract new investments. We are going to make further strides”, says Guilherme Saldanha, secretary of Agriculture, Livestock and Fishery in Rio Grande do Norte.

Franco Marinho, administrator of the Fruit Farming and Agroindustry Department at the Brazilian Micro and Small Business Support Service (Sebrae) in Rio Grande do Norte, bets on the good water reserves, on the climate in the semi-arid, on the low humidity levels and on the rainfalls for improving the agricultural frontier of the Apodi hub, with an eye on the production of fresh fruit. “There are about 800 producers and the trend is for this number to rise”, he explains. The irrigated area could reach 8 thousand kilometers. “There is a long way to go, but we are making strides towards a very promising future”, he concludes.

Throughout the world

Although facing a prolonged drought, capable of reducing production areas, Rio Grande do Norte managed to export 18% more fruit in 2016, bringing in US\$ 110 million in revenue from shipments of melons, papayas, mangoes and watermelons. It was a bigger than expected growth, based on higher productivity achieved through the introduction of new technologies, and the behavior of the exchange rate. The growth in the production of quality fruit has also to do with the arrival of traditional production and export companies from Ceará (in the case of melons) and from Espírito Santo (papayas). Water shortages in these states favored the concentration of fruit production in the state of Rio Grande do Norte.

The president of the Brazilian Fruit Growers and Exporters Association (Abrasfrutas), Luiz Roberto Barcelos, believes that throughout 2017 the sector is supposed to grow at least 10%. To this end, he bets on the entrance of melons from Rio Grande do Norte into the Chinese market and the higher value of the fruit in dollar at the end of the first half of the year. The cultivated area is also likely to go up by 10% in the region, as there is expectation for the economy to improve and, therefore, higher national consumption will follow.

In 2016, only from melon exports, Rio Grande do Norte raked in US\$ 75.3 million. Bigger foreign sales was a strategy for facing a domestic market caught in the economic and political crisis.

Besides the consolidated Mossoró and Açu hubs, fruits are now finding their way to Apodi

Uma porção de boas notícias, direto dos pomares para você.

Life with more color, health and flavor.



Anuários de agronegócio, em português e inglês, com circulação nacional e internacional, e publicações setoriais com ótimo acabamento editorial e gráfico. A Editora Gazeta é sua parceira na abertura de novos mercados e na atração de investimentos.

Agribusiness yearbook, in Portuguese and English, with national and international circulation, and sectoral publications with excellent editorial and print finish. Editora Gazeta is your partner in expanding into new markets and in attracting investments.



EDITORA GAZETA

**PUBLICAÇÕES
PROFISSIONAIS
NO SETOR DO
AGRONEGÓCIO**

**PROFESSIONAL
PUBLICATIONS IN
AGRIBUSINESS
SECTOR**

editoragazeta.com.br

comercial@editoragazeta.com.br – (51) 3715 7940 e 3715 7964 – Santa Cruz do Sul – RS

PAINEL

Panel

A hora e a vez do **abacate**

COM CONSUMO EM EXPANSÃO EM DIVERSOS PAÍSES, A FRUTA TAMBÉM TEM MERCIDO INVESTIMENTOS FORTES NO BRASIL, COMO OS DA JAGUACY, EM SÃO PAULO

Mesmo que ainda não se inclua entre as espécies com maior impacto econômico no conjunto da fruticultura brasileira, o abacate tem ampliado a olhos vistos sua importância no setor. Não apenas os números em volumes e receita ganham corpo, como as empresas dedicadas a essa fruta fazem investimentos visando a expansão. É o caso da Jaguacy, com sede em Bauru, região frutífera de São Paulo, que aposta no abacate. Os indicativos mais recentes são de que o consumo da fruta encontra-se em ascensão em vários países.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), referentes a 2014, apontam que a produção de abacate no País chega a 156.669 toneladas, obtidas em 9.559 hectares. Tanto a produção quanto a área plantada têm declinado desde 2010, mas com estabilidade recente. No mundo, a colheita é estimada em 1,36 milhão de toneladas. No Brasil são cultivadas as variedades denominadas de abacate tropical e ainda a Hass, a mais popular no mundo, no comércio conhecida como Avocado. Em território nacional, o Sudeste é amplamente dominante, com a quase totalidade da safra.

Conforme informações divulgadas pela Jaguacy, o consumo do Avocado, o abacate da variedade Hass, também se encontra em ple-

na ascensão. Contam a seu favor junto ao consumidor o valor nutricional e a busca por alimentos diferenciados e de qualidade. Não por acaso, a produção de Hass da empresa, em escala comercial, vem crescendo cerca de 30% ao ano. “A Jaguacy está acompanhando o crescimento mundial, investindo no mercado interno e fomentando as ações mercadológicas, divulgando os benefícios da fruta”, refere Lígia Falange Carvalho, diretora de Marketing e Recursos Humanos.

Pioneira no plantio de abacate da variedade Hass no País, a Jaguacy hoje tem produção de mais de 6 mil toneladas por ano, com previsão de incremento anual de 20%. A empresa colhe pomares implantados há mais de 40 anos. Essa produção salienta-se ainda pelas inúmeras certificações, como GlobalGap, BRC Food e BSCI, além de uma estrutura que leva em conta os mais rigorosos requisitos de qualidade. Com esse perfil, cerca de 80% da produção total da Jaguacy é direcionada para o mercado externo.

Em paralelo, a empresa dedica-se igualmente a oferecer novos produtos, como a polpa congelada, que tem tido ampla aceitação, bem como o óleo de Avocado. E a esse perfil de inovação junta-se, em 2017, a primeira produção de Avocado Hass orgânico no Brasil.

Time and place for **avocados**

WITH CONSUMPTION ON THE RISE IN SEVERAL COUNTRIES, AVOCADOS HAVE ALSO ATTRACTED INVESTMENTS LIKE THE ONES MADE BY JAGUACY, A COMPANY BASED IN SÃO PAULO

Although not yet included in species with the biggest economic impact on Brazilian fruit farming, as a whole, avocados have reached a relevant position in the sector. Not only the numbers in volumes and revenue are gaining momentum, but the companies devoted to this fruit are making investments with an eye on the expansion of the sector. It is the case of Jaguacy, based in Bauru, fruit growing region in São Paulo, which is betting on avocados. The most recent indications point to consumption on the rise in several countries.

Data from the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE), referring to 2014, point to a total production of 156,669 tons of avocados in Brazil, harvested from 9,559 hectares. Both production and planted area have declined since 2010, but have recently become stable. In the world, the total crop is estimated at 1.36 million tons. The varieties cultivated in Brazil are known as tropical avocados and Hass, the most popular in the world, and referred to as Avocado. In the national territory, the Southeast predominates,

with almost the entire crop.

According to information published by Jaguacy, the consumption of the Avocado, an avocado of the Hass variety, is on a fast rising trend. Consumers are particularly attracted by its nutritional value, in line with their search for discerning and high quality foods. Not by chance, the production of Hass by the company, on a commercial scale, has been rising about 30% a year. “Jaguacy is keeping pace with global growth, investing in the domestic market and fostering market-oriented initiatives, giving publicity to the benefits of the fruit”, says Lígia Falange Carvalho, director at Marketing and Human Resources.

Pioneering the cultivation of Hass avocados in the Country, Jaguacy now produces upwards of 6 thousand tons a year, and the forecast is for annual increases of 20%. The company harvests orchards established more than 40 years ago. This production also stands out for its various certifications, like GlobalGap, BRC Food and BSCI, besides a structure that takes into account the most discerning quality requisites. With this profile, about 80% of Jaguacy’s total production is destined for the foreign market.

In parallel, the company is also devoted to the production of new products, like frozen pulp, which has become very popular, as well as Avocado oil. And this innovative profile is enriched with first Bahia State Coffee Growers’ Association (Assocafé) Avocado organic crop in Brazil, in 2017.



Bahia é destaque na produção de frutas

ESTADO É LÍDER E GRANDE REFERÊNCIA NA PRODUÇÃO NACIONAL EM ESPÉCIES COMO BANANA, MAMÃO, COCO, MANGA, CACAU E MARACUJÁ

Com produção de 4,3 milhões de toneladas, a fruticultura é uma das atividades que mais geram empregos e renda e promovem o desenvolvimento em algumas regiões na Bahia, sobretudo nos perímetros irrigados do Semiárido. Por possuir elevado efeito multiplicador, ela impulsiona regionalmente os diversos setores econômicos.

A Bahia apresenta-se com uma grande diversidade de produtos em sua matriz frutífera, posicionando-se como uma das maiores do País. Maior produtor mundial de guaraná e graviola, e segundo colocado na produção de citros, o Estado é líder na produção nacional de banana, mamão, coco, manga e maracujá, além de ser grande produtor de abacaxi.

O Vale do São Francisco é o mais importante centro frutífero do Brasil, com destaque para a produção de manga e uva. A região é a única do mundo capaz de produzir cinco safras de uva em dois anos, devido às suas características naturais, como luminosidade, umidade e disponibilidade de água. Possui variedades de uvas

com qualidade comprovada para a produção de vinho, colocando-se como o segundo polo vinícola do Brasil, com grande potencial para crescimento.

Outra oportunidade para investimentos é na cadeia produtiva do coco, cuja produção é de 586,9 milhões de frutos, o que faz do Estado o maior produtor nacional. Com o Plano de Revitalização e Dinamização da Cadeia Produtiva do Coco, a previsão é de que a produção estadual alcance 1 bilhão de frutos/ano em 2023. Atualmente, a agroindústria processa 220 milhões de frutos por ano.

Além das excelentes condições de clima e solo, e da diversificada produção agrícola, que garante matéria-prima de qualidade e com regularidade, a Bahia também é referência nacional em defesa fitossanitária. O Estado está livre de diversas pragas que afetam a fruticultura, a exemplo de Sigatoka Negra e Moko da bananeira, HLB e Cancro Cítrico na citricultura, Monilíase do cacauzeiro, mosca da carambola (manga, goiaba, acerola) e o Amarelecimento Letal do Coqueiro.

Bahia is a reference in the production of fruit

THE STATE IS THE NATIONAL LEADER IN THE PRODUCTION OF BANANAS, PAPAYAS, COCONUT, MANGOES, CACAO AND PASSION FRUIT

With a production of 4.3 million tons, fruit farming is one of the activities that creates the most jobs and income, and promotes the development of some regions in Bahia, especially in the irrigated areas in the Semi-arid. Because of its high multiplying effect, it drives the various economic sectors throughout the region.

Bahia is home to a big diversity of fruit in its fruit matrix, ranking as one of the biggest producers in the Country. Leading global producer of *guaraná* and *graviola*, and second biggest producer of citrus, the State is the national leader in the production of bananas, papayas, coconut, mangoes, cacao and passion fruit, and is equally a relevant producer of pineapples.

Vale do São Francisco is the most important fruit hub in Brazil, where the highlights are mangoes and grapes. The region is the

only one in the world capable of producing five grape crops in two years, due to its natural characteristics, like luminosity, humidity and availability of water. Its grape varieties are appropriate for the production of quality wines, and has become the second wine-making center in Brazil, with a great potential for growth.

Another opportunity for investments is in the coconut supply chain, whose production reaches 586.9 million fruit, turning the State into the biggest national producer. With the Revitalization Plan for Modernizing the Coconut Supply Chain, the forecast is for the State to reach a production of 1 billion fruit a year, by 2023. Currently, 220 million fruit are processed by the agroindustrial plants, a year.

Besides the excellent climate and soil conditions, the diversity of agricultural production, which provides for quality raw material on a regular basis, Bahia is also a national reference in phytosanitary surveillance. The State is free of several pests that affect fruit farming, like Black Sigatoka and Moko, pests that attack banana plants, HLB and citrus canker in citrus trees, cocoa Moniliasis, carambola fruit fly (mangoes, guavas, Barbados cherry) and Lethal Yellowing of Coconut.



A ameaça do cancro europeu na macieira

European canker **threats** apple orchards

DISEASE HAS THE POTENTIAL TO CAUSE HUGE LOSSES TO APPLE ORCHARDS IN SOUTH BRAZIL; PREVENTIVE TREATMENT IS THE BEST CONTROL OPTION

DOENÇA TEM POTENCIAL PARA CAUSAR GRANDES PERDAS EM POMARES DE MAÇÃ DA REGIÃO SUL DO BRASIL E TRATAMENTO PREVENTIVO MOSTRA-SE FUNDAMENTAL

Pomares de maçã do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná, os três estados da região Sul do Brasil, que respondem por mais de 90% da produção de maçãs do País, estão tendo sérios problemas com uma grande incidência de Cancro europeu, ou nectria, doença causada pelo fungo *Neonectria ditissima*, que pode causar inclusive a perda total do pomar. De acordo com Gilbert Berndt, engenheiro agrônomo e gerente de clientes da Bayer, a melhor maneira de lidar com a problemática é a prevenção.

Por ser uma doença quarentenária, há poucas informações sobre seu controle nas condições climáticas do Brasil. Confor-

me ele, a geração dessas informações é necessária para obter redução das perdas motivadas pela doença. “Quando já instaurada, sem controle, ela pode acometer toda a produção do agricultor. Não existe cura. Ela pode ser tratada. Porém, vai haver diminuição da produção”, refere Berndt. “Portanto, prevenir é a melhor solução e, neste acaso, recomendamos a primeira aplicação de fungicida durante a floração, na primavera, e a segunda depois de 15 dias.” Numa segunda fase, quando acontece a queda das folhas, explica o agrônomo, recomenda-se aplicação com perda de 10% das folhas, depois com 50% e, para finalizar, com queda de 90% das folhas da árvore. “Nosso principal pro-

duto para a prevenção do Cancro europeu é o fungicida sistêmico Aliette”, finaliza.

Para a doutora em fitopatologia Rosa Maria Valdebenito Sanhueza, responsável técnica do centro de pesquisa do Proterra, instituição de pesquisa agrônômica situada no Rio Grande do Sul, o Cancro europeu pode demorar até 10 anos para ser identificado, causando sérios problemas para o produtor rural, embora seja uma doença com sintomas marcantes. “Ela pode afetar o tronco, os ramos principais e os ramos novos, causando estrangulamento dessas estruturas, impossibilitando o desenvolvimento da planta e podendo causar podridão da fruta”, alerta a pesquisadora. Ela aconselha que o manejo da doença se fundamente na eliminação permanente dos ramos infectados, para evitar a disseminação da praga, além do manejo preventivo dos pomares.

Apple orchards in Rio Grande do Sul, Santa Catarina and Paraná, the three southern states, which account for more than 90% of the production of apples in the Country, are facing serious problems from a serious incidence of European canker, or *Neonectria galligena*, disease caused by the fungus *Neonectria ditissima*, which could even cause total loss to the orchard. According to Gilbert Berndt, agronomic engineer and client manager at Bayer, the best manner to deal with the problem is prevention.

As it is a quarentenary disease, there is little information about its control in Brazil's climate conditions. According to him, the generation of this information is necessary if the losses caused by the disease are to be reduced. “Once the disease strikes, without any control, it could affect the farmer's entire crop. There is no cure for it. It can be treated, but a reduction in production is inevitable”, says Berndt. “Therefore, prevention is the best solution and, in this case, we recommend the first fungicide application during blossoming, in spring, and the second, fifteen days later”. At a second stage, when the leaves start to fall, the agronomist explains, an application is recommended once 10% of the leaves have dropped, then when 50% have dropped and, finally, when the trees have lost 90% of the leaves. Our main product for preventing the European canker is a systemic fungicide known as Aliette”, he concludes.

Phytopathology doctor Rosa Maria Valdebenito Sanhueza, technician in charge of the Proterra research center, an agronomic research institution based in Rio Grande do Sul, the European canker is sometimes only detected after ten years, causing serious problems to rural producers, in spite of being a disease with remarkable symptoms. “It can affect the trunk and the new buds, causing these structures to choke to death, making it impossible for the plant to develop, besides causing the fruits to rot”, the researcher warns. She recommends the permanent elimination of all affected branches in order to prevent the disease from spreading, besides preventive management of the orchards.

EVENTOS

Events

O mínimo é o **máximo****AVANÇOS TECNOLÓGICOS E PRÁTICAS DE PÓS-COLHEITA DE FRUTAS ESTARÃO EM DEBATE DURANTE CONGRESSO QUE ACONTECE EM MAIO, EM PONTA GROSSA (PR)**

Mais de 500 cientistas, produtores e estudantes são esperados na cidade de Ponta Grossa, no Paraná, entre os dias 14 e 18 de maio de 2017 para a realização do II Congresso Brasileiro sobre Processamento Mínimo e Pós-Colheita de Frutas, Flores e Hortaliças (II CBPMPC). O evento será realizado pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (Uepg), em parceria com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), e conta com representação de instituições de pesquisas e de ensino ligadas à área de todo o País.

O tema central do congresso é “Inovar para reduzir perdas”, e o objetivo é integrar os diversos segmentos da pós-colheita e do processamento mínimo na busca de soluções para a redução das perdas nestes processos e para aumento da eficiência. Com isso, os organizadores propõem espaço para amplas dis-

cussões e a indicação das tendências de mercado e das pesquisas nestes segmentos.

O coordenador do congresso, Ricardo Antonio Ayub, da Uepg, explica que os encontros sobre processamento mínimo vêm sendo realizados desde 1998, enquanto os simpósios de pós-colheita iniciaram-se em 2005. Estes são os principais eventos técnico-científicos na área de pós-colheita e de processamento mínimo no Brasil. Em 2008, em Lavras (MG), os dois eventos passaram a ser realizados no mesmo período, de maneira a unir os trabalhos e os pesquisadores da área. “No entanto, nos últimos anos, o número de pesquisas e o interesse das empresas que trabalham com processamento mínimo e pós-colheita de frutas, flores e hortaliças têm aumentado de forma considerável, o que norteou a decisão de realizarmos o congresso em 2017”, frisa Ayub.

De acordo com o coordenador-geral, a programação técnica-científica foi elaborada com o propósito de englobar trabalhos nas quatro áreas temáticas principais: processamento mínimo de frutas e hortaliças, pós-colheita de frutas, pós-colheita de hortaliças e pós-colheita de flores, além de apresentar conferências gerais com temas atuais e inovadores proferidos por palestrantes de renome no cenário nacional e internacional. Entre os palestrantes estão confirmados alguns dos principais pesquisadores do Brasil, além de expoentes na área da Alemanha, do Canadá, do Chile, da Espanha e da França. A palestra de abertura será do renomado cientista Jean Claude Pech Ensat, sobre o tema “Dos conceitos biológicos às inovações tecnológicas na ciência pós-colheita”. Maiores informações podem ser obtidas no site poscolheita.uepg.br/.

Minimal is **maximal****TECHNOLOGICAL BREAKTHROUGHS AND POST-HARVEST PROCEDURES ARE ON THE AGENDA DURING THE CONGRESS SCHEDULED FOR MAY, IN PONTA GROSSA (PR)**

More than 500 scientists, producers and students are expected in the town of Ponta Grossa, in Paraná, from May 14 to May 18, 2017 for the Second Brazilian Congress on Minimal Processing and Post-Harvest Procedures of Fruits, Flowers and Vegetables (II CBPMPC). The event will be conducted by the State University of Ponta Grossa (Uepg), jointly with the Brazilian Agricultural Research Corporation (Embrapa), along with representations from research and educational institutions from all over the Country.

The central theme of the congress is “To innovate in order to reduce losses”, and the target consists in bringing together the various segments of post-harvest and minimal processing in search of solutions for the reduction of losses in these processes and for higher efficiency. To this end, the organizers are proposing time for ample debates and

the indication of the market trends, and research works conducted by these segments.

The coordinator of the congress, Ricardo Antonio Ayub, from Uepg, explains that the debates on minimal processing have been conducted since 1998, whilst the post-harvest symposiums started in 2005. These are the main technical and scientific events in the area of post-harvest and minimal processing in Brazil. In 2008, in Lavras (MG), the two events began to take place during the same period, bringing together the works and researchers of the same area. “Nevertheless, over the past years, the number of research works and the interest of the companies that deal with minimal processing and post-harvest procedures for fruits, flowers and vegetables have increased considerably, which directed our decision to hold the congress in 2017”, says Ayub.

According to the general coordinator, the technical and scientific program was devised with the purpose to include works in the four main thematic areas: minimal processing of fruits and vegetables, post-harvest of fruits, post-harvest of vegetables and post-harvest of flowers, besides featuring general lectures focused on current and innovative themes, given by renowned lecturers, in the national and international scenario. The lectures who have already confirmed their presence include famous researchers from Brazil, besides scholars in the area from Germany, Canada, Chile, Spain and France. The opening lecture will be given by the renowned scientist Jean Claude Pech Ensat, on the theme “From biological concepts to technological breakthroughs in post-harvest science”. For more information, please access site poscolheita.uepg.br/.

AGENDA

Agenda

Fruit-break

AGENDA DE EVENTOS DA CADEIA DA FRUTICULTURA PARA 2017

II CONGRESSO BRASILEIRO DE PROCESSAMENTO MÍNIMO E PÓS-COLHEITA DE FRUTAS, FLORES E HORTALIÇAS

Data: 14 a 18 de maio de 2017

Local: Grande Auditório – Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) – Ponta Grossa (PR).

Fone: +55 42 3220-3088

Site: poscolheita.uepg.br/

VII SIMPÓSIO BRASILEIRO SOBRE A CULTURA DO MARACUJAZEIRO II SIMPÓSIO SUL-BRASILEIRO SOBRE O MARACUJAZEIRO

Data: 23 a 25 de maio de 2017

Local: Scaini Palace Hotel – Balneário Arroio do Silva (SC)

Fone: telefone: +55 48 34031379

Site: <https://sites.google.com/view/7simposiobrasileiromaracuja>

20º EXPOVINIS

Data: De 6 a 8 de junho de 2017

Local: Expo Center Norte – São Paulo (SP)

Fone: +55 11 3598-7800

E-mail: falecom@informa.com

Site: www.expovinis.com.br

BIOFACH AMÉRICA LATINA

Data: 7 a 10 de junho de 2017

Horário: 11h às 19 horas

Local: Pavilhão da Bienal do Ibirapuera – São Paulo (SP)

Fone: +55 11 2226.3176

Site: www.biofach-americalatina.com.br/br

24º HORTITEC

Data: De 21 a 23 de junho de 2017

Local: Recinto da Expoflora – Holambra, São Paulo

Fone: + 55 19 3802-4196 / 19 3802-1421

E-mail: contato@rbbeventos.com.br

Site: www.hortitec.com.br

15º ENFRUTE – ENCONTRO NACIONAL SOBRE FRUTICULTURA DE CLIMA TEMPERADO

Data: 25, 26 e 27 de julho de 2017

Local: Parque da Maçã – Fraiburgo (SC)

Fone: +55 49 3561-2000 (Epagri)

Site: www.enfrute.com.br

MERCOFLORA AGOSTO DE 2017

Data: 9, 10 e 11 de Agosto de 2017

Local: Parque de Exposições Tancredo de Almeida Neves – Chapecó (SC)

Fone: +55 49 3321-2800

E-mail: mercoflora@mercoflora.com.br

Site: www.mercoflora.com.br

XXV CONGRESSO BRASILEIRO DE FRUTICULTURA / ISTH 2017

Data: De 11 a 15 de Setembro de 2017

Data: 11 a 15 de setembro de 2017

Local: Porto Seguro, Bahia

Fone: +55 85 3391-7389

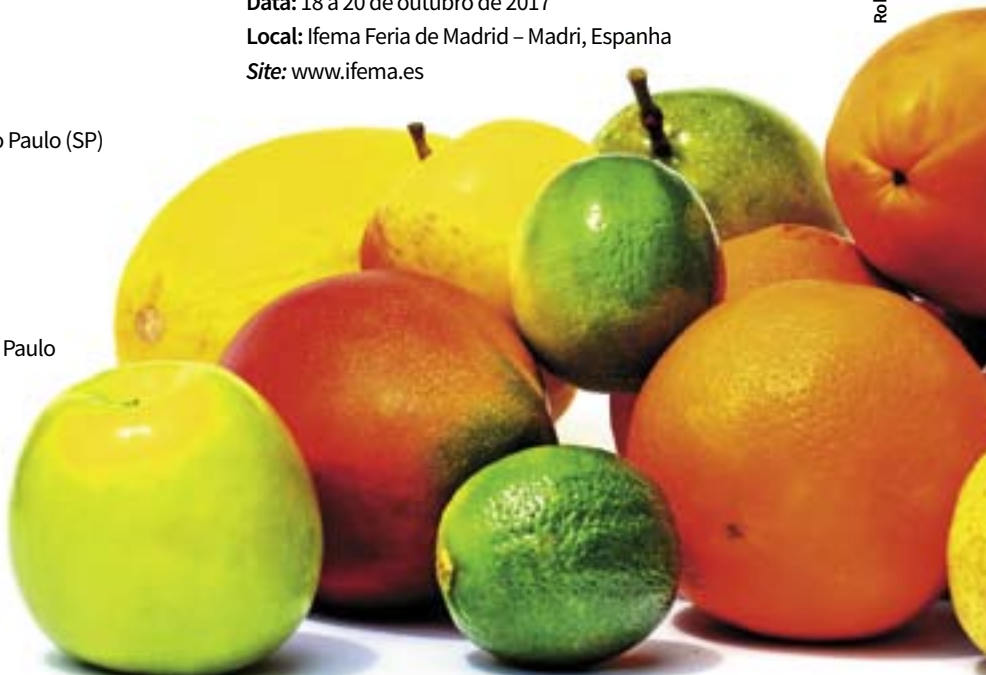
Site: www.iasth.org

FRUIT ATTRACTION 2017

Data: 18 a 20 de outubro de 2017

Local: Ifema Feria de Madrid – Madri, Espanha

Site: www.ifema.es



CHEGOU VOLIAM TARGO: PRECISO NO CONTROLE DAS PRINCIPAIS PRAGAS DO MELÃO.

- Proteção das folhas e frutos.
- Manejo de resistência.
- Conveniência.

BROCA-DAS-CUCURBITÁCEAS



MOSCA-MINADORA



 **Voliam Targo**[®]

syngenta[®]

Produto em fase de cadastro no Paraná.
Informe-se sobre e realize o manejo integrado de pragas.
Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos.

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRÔNOMICO.



c.a.s.a.
0800 704 4304

www.syngenta.com.br

A gente sustenta
a sua lavoura.
E, você, o
desenvolvimento
do Brasil.



Para cultivo de frutas, conte com a Belgo e sua linha completa para estruturas de sustentação latada ou espaldeira.

Acompanhe-nos nas redes sociais:



0800 727 2000
www.belgobekaert.com.br

Arames Belgo: uma marca da Belgo Bekaert Arames

Arames
Belgo[®]
Pode confiar